



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

LARISSA ARCANJO DE FARIAS VIEIRA

INVESTIGANDO A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Brasília  
2022

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

LARISSA ARCANJO DE FARIAS VIEIRA

**INVESTIGANDO A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do professor doutor Antônio Villar Marques de Sá.

Brasília  
2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pela autora

Ai Arcanjo de Farias Vieira, Larissa  
INVESTIGANDO A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO  
DA CRIANÇA. / Larissa Arcanjo de Farias Vieira; orientador  
Antônio Villar Marques de Sá. -- Brasília, 2022.  
55 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de  
Brasília, 2022.

1. Brincar. 2. Desenvolvimento. 3. Ludicidade. 4.  
Interação. 5. Jogo. I. Villar Marques de Sá, Antônio, orient.  
II. Título.

LARISSA ARCANJO DE FARIAS VIEIRA

INVESTIGANDO A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Antônio Villar Marques de Sá

Orientador - FE - UnB

---

Profa. Dra. Érica Santana Silveira Nery

Examinadora - FE - UnB

---

Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva

Examinadora - FE - UnB

---

Profa. Dra. Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Suplente - FE – UnB

26/04/2022

**Dedico este trabalho a quem me apoiou, incentivou, mostrou que sou capaz de alcançar meus sonhos e objetivos, aos meus pais, esposo, irmão e familiares, pois todos eles me acompanharam durante a desafiadora trajetória vivenciada na Universidade de Brasília.**

## **AGRADECIMENTOS**

Demonstro minha gratidão a todos os professores da Faculdade de Educação, do curso de Pedagogia que contribuíram para a minha formação acadêmica e profissional na Universidade de Brasília.

Em especial ao meu orientador, por ter aceitado me acompanhar e auxiliar com tanto empenho no trabalho de conclusão de curso.

Agradeço aos Professores Doutores Antônio Villar Marques de Sá (Orientador), Érica Santana Silveira Nery (Examinadora), Patrícia Lima Martins Pederiva (Examinadora) e, Danielle Xabregas Pamplona Nogueira (Suplente), pois com eles realizei disciplinas, pude apreciar a maneira que conduziam as aulas, a dedicação que tiveram com as disciplinas e o compromisso e disponibilidade que tinham com os discentes. Sou grata por tê-los em minha banca, vocês sem dúvidas são referências para a FE, para a UnB e para a Educação.

**Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar, quem aprende ensina ao aprender.**

**Paulo Freire (2003, p. 47).**

## RESUMO

VIEIRA, Larissa Arcanjo de Farias. **Investigando a importância do brincar no desenvolvimento da criança**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. 55 p. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2022.

Este Trabalho Final de Curso de Graduação foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica, a qual necessita de uma dedicação, estudo e análise para através da investigação executar um trabalho científico com base nos textos escolhidos por mim e pelo meu orientador Antônio Villar. O trabalho de conclusão de curso está composto por três partes, divididas em: 1) Memorial Educativo, onde me apresento, comento como sobre minha trajetória de vida, todas as fases escolares até adentrar na Universidade de Brasília. 2) Pesquisa, que teve como objetivo abordar a influência do jogo e do brincar no desenvolvimento da criança, como isto ocorre, de que maneira a interação social contribui para isso, como acontece, por quê a ludicidade é fundamental e de que maneira os seus conhecimentos podem contribuir para que o outro aprenda com você e você aprenda com o outro. Partindo de uma análise embasada nos estudos de teóricos do assunto, como Vigotski e Elkonin. Compreendeu-se por fim, que ocorrem significativos avanços nos aspectos cognitivo, moral e social, desenvolvendo-se a criança como um todo. 3) Perspectivas Futuras, apresento meus objetivos após concluir a graduação de Pedagogia, expondo meus interesses de pós-graduação voltados à Psicopedagogia, Pedagogia Empresarial e Práticas Inovadoras na Educação. Pretendo seguir atuando na área educacional, também gostaria de ampliar os horizontes e cursar Medicina Veterinária.

**Palavras-chave:** Brincar; Desenvolvimento; Ludicidade; Interação; Jogo.



## ABSTRACT

VIEIRA, Larissa Arcanjo de Farias. Investigating the importance of play in child development. Graduation Course Final Paper. 55 p. Faculty of Education, University of Brasília, 2022.

This final work of the course was accomplished through bibliographic research, which requires dedication, study, and analysis in order to execute a scientific work based on the texts chosen by me and by my supervisor Antônio Villar. The course completion paper is composed of three parts, divided into: 1) an Educational Memorial, where I introduce myself and comment on my life trajectory, all the school phases until I entered the University of Brasília. 2) Research, which aims to address the influence of play and play in child development, how this occurs, how social interaction contributes to this, why playfulness is essential and how your knowledge can contribute so that others learn from you and you learn from others. An analysis based on the studies of theorists on the subject, such as Vygotsky and Elkonin. Finally, it was understood that significant advances occur in the cognitive, moral, and social aspects, developing the child as a whole. 3) Future Perspectives, I present my goals after graduating in Pedagogy, showing my post-graduation interests in Psychopedagogy, Business Pedagogy, and Innovative Practices in Education. I intend to continue working in the educational area, and I would also like to broaden my horizons and study Veterinary Medicine.

**Keywords:** Play; Development; Playfulness; Interaction; Game.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Essa sou eu, a menina sorriso.....	14
Figura 2: Fotografia do primeiro dia de aula na pré-escola.....	15
Figura 3: Eu no período do Ensino Fundamental I.....	16
Figura 4: Formatura do Ensino Médio com meus pais.....	17
Figura 5: Primeira semana na UnB.....	18

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCE	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
DF	Distrito Federal
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
FE	Faculdade de Educação
GO	Goiás
ICC	Instituto Central de Ciências
LDB	Lei de Diretrizes e Base
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PE	Pernambuco
PNE	Plano Nacional de Educação
SEEDF	Secretaria de Educação do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília
ZDI	Zona de Desenvolvimento Iminente
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>PARTE 1 MEMORIAL EDUCATIVO</b> .....	14
<b>PARTE 2 PESQUISA</b> .....	21
<b>2.1 INTRODUÇÃO</b> .....	21
<b>2.2 DIREITOS DA CRIANÇA</b> .....	22
<b>2.2.1 BNCC</b> .....	22
<b>2.2.2 CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL</b> .....	25
<b>2.2.3 DCNEI – DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	27
<b>2.3 HISTÓRICO DO BRINCAR E TARJA BRANCA</b> .....	29
<b>2.4 LUDICIDADE E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL – VIGOTSKI E ELKONIN</b> .....	36
<b>2.5 O JOGO E SUA FUNÇÃO NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA COM BASE NOS ESTUDOS DE VIGOTSKI E ELKONIN</b> .....	47
<b>2.6 CONCLUSÃO</b> .....	52
<b>PARTE 3 – PERSPECTIVAS FUTURAS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	54

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho final de curso está dividido em três partes. A primeira parte é o memorial, onde me apresento, abordo sobre minha trajetória escolar desde a Educação Infantil, à transição ao Ensino Fundamental, Ensino Médio e finalizo com a inserção e permanência na Universidade de Brasília e a cada etapa menciono os desafios enfrentados das fases em que avancei no meu jogo da vida.

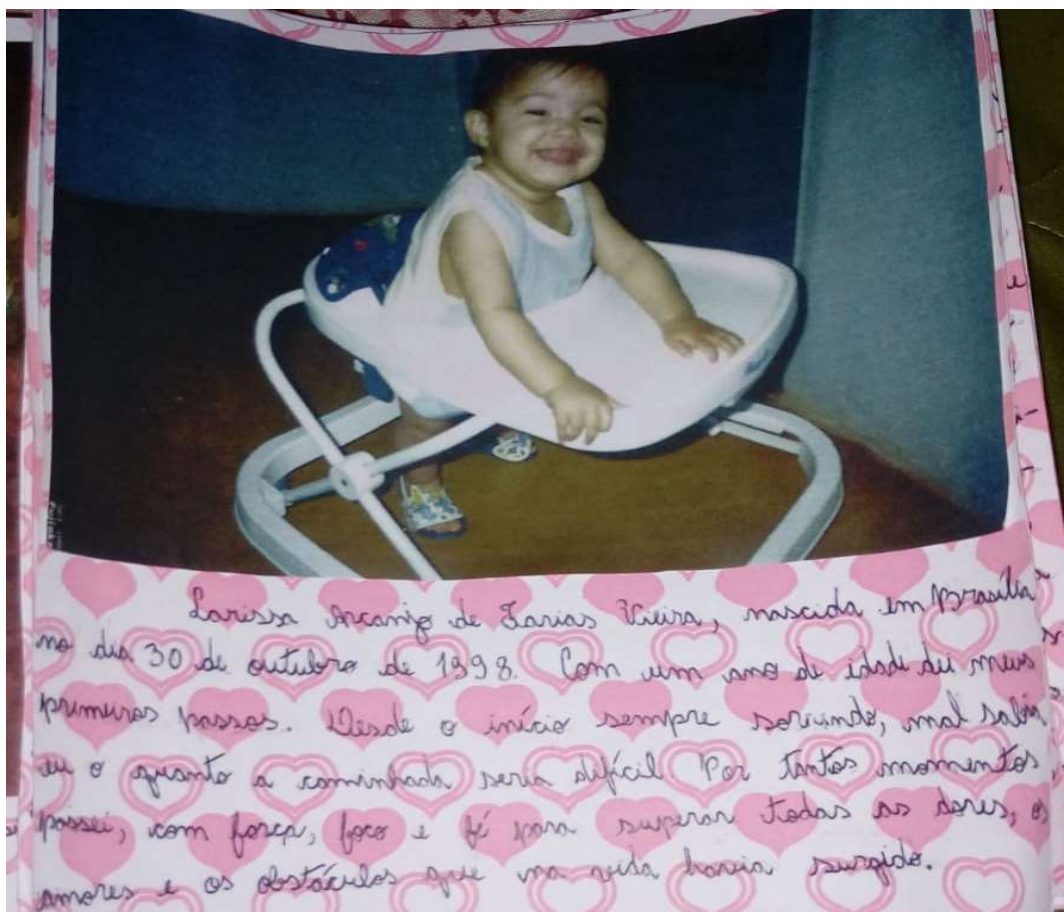
A segunda parte do trabalho tem o intuito de demonstrar em um apanhado de ideias, estudos e processos, sobre os direitos da criança baseado nos documentos que temos em vigor; sobre o histórico do brincar, os relatos abordados no documentário Tarja Branca interligados aos fundamentos investigados por Brougère (2002a), aos estudos de Elkonin (2009), Leontiev e Vigotski, entre outros autores citados por Mudado e Prestes; sobre a teoria histórico-cultural à luz da ludicidade e por fim sobre a função do jogo no desenvolvimento psíquico da criança.

Na terceira parte, busco de forma breve e clara demonstrar meus interesses nas perspectivas futuras, avistando o que fazer ao finalizar a faculdade de Pedagogia, quais meus objetivos após a formação, se pretendo seguir com meus estudos na área educacional ou me especializar em outra área. Todos nós temos sonhos, idealizamos e buscamos alcançar nossas metas e mesmo que você se considere improvável, na parte b de Marcos 9:23 diz que “tudo é possível àquele que crê”. E assim, sigo acreditando e avançando para alcançar tudo o que almejei em minha vida em todos os âmbitos.

## PARTE 1 – MEMORIAL EDUCATIVO

Eu me chamo Larissa Arcanjo de Farias Vieira, nascida em Brasília, DF, no dia 30 de outubro de 1998 e desde então continuo morando aqui. Sou filha da Alcina Arcanjo de Farias Vieira e do Wilson Vieira. Ela de Feira Nova, PE e ele de Anápolis, GO, ambos vieram em busca de uma vida melhor na capital. Cada um com seus motivos; após a morte do meu avô materno, a família da minha mãe veio morar em Brasília e com a possibilidade de crescer ainda mais, a família do meu pai também veio para cá. Depois de um tempo, se conheceram e com um ano de casados tiveram um filho, meu irmão Hudson Arcanjo de Farias Vieira, nascido nos anos 90.

Figura 1: Essa sou eu, a menina sorriso.



Fonte: A autora (2022).

Em relação a minha trajetória escolar, em 2003, iniciei aos 4 anos a pré-escola, por não me adaptar na “escolinha” aos 3 anos de idade, e foi a única escola particular que fui matriculada desde então, fiquei um ano na Escola Vivenciando em Taguatinga Norte, DF. Após mudarmos de Taguatinga Norte para o Guará, fui para a Escola Classe 5 do Guará, onde me adaptei melhor, comecei a gostar de ir e permanecer na escola. Em seguida, já em 2005, fui matriculada na Escola Classe 6 do Guará, escola essa que me marcou negativamente, minha professora não

gostava de mim, pois eu era tímida e só olhava para baixo, e como ela era rígida, todos os colegas de turma tinham medo de responder a ela, até que certo dia ocorreu um incidente e minha mãe avistou do portão o que a professora tinha feito, ela era temporária e o caso foi repassado para a regional, em seguida ficou afastada do cargo, além deste acontecimento e com a saída do apartamento para casa, tive que sair devido a mudança de Região Administrativa.

Figura 2: Fotografia do primeiro dia de aula na pré-escola



Fonte: A autora (2022).

Após eu e minha família nos mudarmos do apartamento no Guará para a casa em Samambaia, estudei na Escola Classe 410 de Samambaia Norte, que foi um choque de realidade para mim. Por mais que as duas fossem públicas, era notória a diferença até para uma criança, da falta de estrutura, materiais e suporte que a comunidade escolar precisava. Fui muito magrinha por bastante tempo, alguns suplementos abriram o meu apetite, alguns acontecimentos como discussões familiares, perda da minha avó, fizeram com que eu comesse compulsivamente.

Em seguida, fui para a Escola Fundamental 412 de Samambaia, uma escola voltada ao ensino fundamental II, marcante com seus projetos de dança, baú da memória, projetos literários, diversas modalidades esportivas etc. Porém, também foi marcante por ter sofrido

*bullying*, com a compulsão alimentar fiquei sobrepeso, isso ocasionou em brigas entre colegas, em uma tristeza disfarçada com sorrisos, mas crendo que dias melhores viriam e virão. Fui me apegando a Deus, emagrecendo, passando de ano e as coisas foram melhorando.

Figura 3: Eu no período do Ensino Fundamental I



Fonte: A autora (2022).

Ao me formar no Ensino Fundamental, fui matriculada, em 2014, no Centro de Ensino Médio 414, uma das melhores escolas de Samambaia, cheia de projetos voltados ao Programa de Avaliação Seriada – PAS e ao Exame Nacional de Ensino Médio – Enem. Eu só pensava em seguir independente de todos os acontecimentos pessoais e familiares, dar o meu melhor e buscar alcançar meus objetivos.

Em 2016, eu me formei no Ensino Médio, e como toda estudante quando termina o “Terceirão”, o desespero de entrar numa faculdade é grande, mas o de ficar parado é maior. Só me restava esperar os resultados, continuar mandando currículo, estudar para vestibular e continuar tentando crescer em todas as áreas. Entre um e-mail e outro, o meu nome estava na lista para realizar a matrícula na UnB, devido ao turno ser diurno e não poder recusar matéria no primeiro semestre, abri mão de uma oportunidade de emprego, eu agradei muito de coração, mas me despedi dizendo “sempre priorizei meus estudos e não farei diferente agora”.



Figura 4: Formatura do Ensino Médio com meus pais

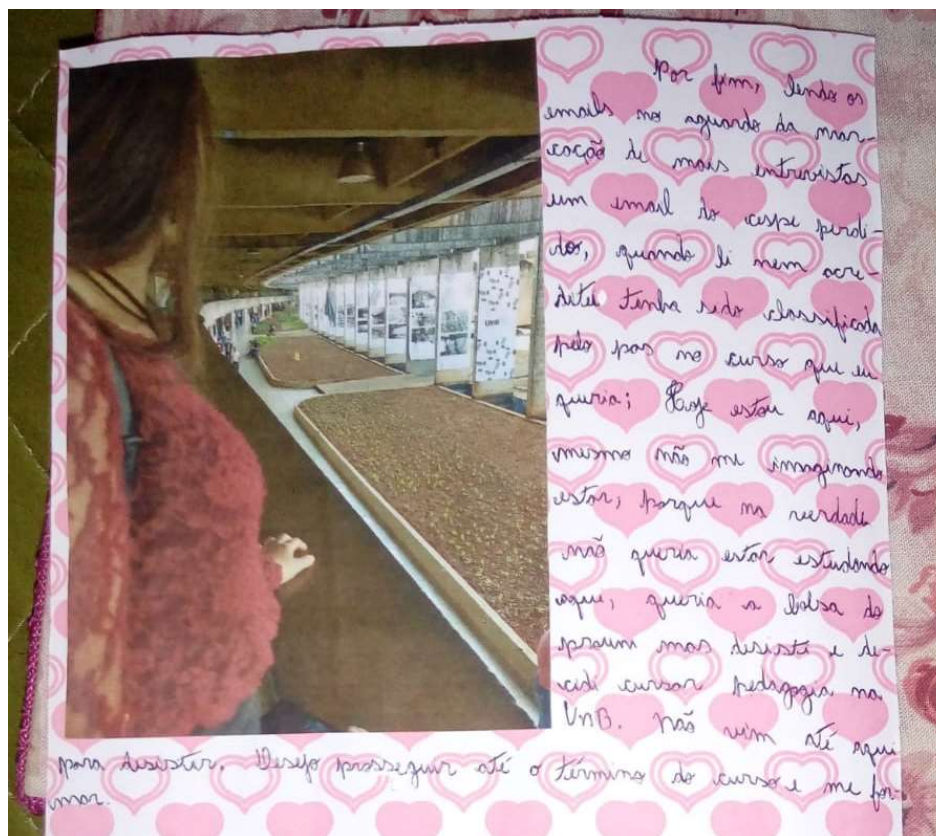


Fonte: A autora (2022).

Por fim, em 2017, cheguei no meu Ensino Superior, vim viver meu sonho de fazer Pedagogia numa faculdade reconhecida, de qualidade e que me permitisse ver um mundo de possibilidades. Não me imaginava na UnB, ainda mais oriunda de escolas públicas, mas alcancei, não desisti e até aqui o Senhor tem me sustentado e me ajudado. A minha fé me fez mais forte e mais resiliente. E graças a Deus, pude contemplar tantas coisas que só me agregaram e me aperfeiçoaram.

As imagens apresentadas foram fotografadas do meu memorial realizado na disciplina de Oficina Vivencial com a professora Cláudia Dantas no 1º semestre do curso de Pedagogia. Disciplina esta que vivenciávamos várias dinâmicas, fazíamos atividades diferentes, de pintura a compartilhamento de histórias. Foi muito importante, neste novo contexto, ter a leveza dela logo no meu primeiro contato com a Universidade.

Figura 5: Primeira semana na UnB



Fonte: A autora (2022).

No início, foi um pouco complicado devido ao curso ser diurno, tive que decidir priorizar os estudos ou o emprego, decidi abrir mão do trabalho e prosseguir no meu foco porque para mim a Educação muda tudo, a Educação muda o mundo. E eu não abriria mão do sonho de cursar Pedagogia na UnB, mesmo tendo que me desdobrar para me dedicar apenas aos estudos.

Sempre estudei perto de casa, para chegar na UnB de onde morava e de onde moro de transporte público demora entre uma hora e meia e duas horas. O deslocamento é cansativo por si só. Após os dois primeiros semestres, optei por pegar matérias em apenas um turno para ter a experiência do estágio remunerado. Estudar e trabalhar não é fácil e no final do semestre era exaustivo. Mas era para uma boa causa. Como bem me disseram “Melhor é o fim que o começo de todas as coisas”.

A Faculdade de Educação me acrescentou muitos conhecimentos através das disciplinas e professores. Proporcionou aprendizados acadêmicos e para a vida pessoal. Foi uma grande experiência acadêmica, me fez ir além. Ter a teoria é fundamental, com a prática é essencial. Os trabalhos em grupo geravam debates que nos faziam refletir, as aulas eram fluidas, as idas e observações nas escolas faziam com que eu me sentisse onde eu queria estar, a verdadeira Pedagogia por amor.

Apesar de a grande maioria dos estudantes da FE ficar só na FE, eu tentava explorar minhas horas vagas entre as aulas da manhã e da tarde. Eu estava em um universo de possibilidades e aprendizagens. No período em que eu me dedicava apenas à UnB, eu buscava conhecer melhor, ainda mais nas semanas universitárias, o ICC, a BCE, outras Faculdades como: a Faculdade de Educação Física, de Direito e de Medicina Veterinária.

Nas semanas universitárias, eu buscava participar de palestras voltadas para a Educação em um turno e no outro buscava conhecer ainda mais a universidade, seja em algo mais dinâmico como introdução de jogos midiáticos na educação física, ou canto da linguagem corporal no departamento de música, seminário sobre os direitos da pessoa com deficiência, entre outras atividades e seminários que pude participar, por vezes até sem me inscrever para contar como hora complementar, mas de imensurável serventia para o meu aprendizado.

Na Faculdade de Educação temos os projetos, são a parte mais prática e o Projeto 4 é o nosso estágio obrigatório no currículo antigo, pois já houve atualização para o novo currículo. O Projeto 1 da minha grade horária era para conhecer a UnB; o Projeto 2 foi voltado a Vivências Musicais; o Projeto 3 ao Teatro do Oprimido e jogos teatrais, os Projeto 3.1 e 3.2 foram nesta área: desenvolvi jogos teatrais na Escola Classe 108 de Samambaia Sul, onde eu realizava encontros semanais com as crianças do 4º e 5º anos sobre expressões corporais, consciência negra, *bullying*, semana da criança, meio ambiente, entre outros temas. O Projeto 4.2 voltou-se à Gestão Escolar e o Projeto 4.1 estou realizando neste semestre, sobre Educação Inclusiva.

Devido ao vínculo com a graduação e a possibilidade de priorizar as matérias a um só período, foi possível realizar o estágio não obrigatório, então desde o meu terceiro semestre comecei a estagiar. A minha primeira experiência foi em um espaço infantil, onde as crianças ficavam integralmente. Foi interessante, pela manhã elas realizavam as atividades, tive algumas observações para contar histórias e auxiliar nas atividades.

Posteriormente, participei de um processo seletivo e passei, para ser monitora educacional em uma grande escola da minha cidade. Nela, eu aprendi muito, tanto em relação à sala de aula, quanto na gestão. Eu fiquei lá até no período inicial da pandemia do Covid 19. Foi incrível ter a oportunidade de observar as aulas, ser observada na sala de aula, poder participar das coordenações, participar de recreação e de cursos formativos.

Sempre fui apaixonada pela área da Educação, tive como inspiração minha tia Márcia que exerceu a função até a aposentadoria, professoras minhas como: a professora Perpétua na Educação Infantil, a professora Viviane no Ensino Fundamental e a professora Keide no Ensino Médio (são muitos nomes a ser citados, afinal muitos professores passaram e deixaram suas marcas em minha vida), são professoras que buscavam ensinar de forma significativa e

mantinham sempre boa relação com os estudantes. Ser professora era mais que minha vontade, se tornou um sonho, sonho esse palpável e alcançado. É tão bom poder realizar a vontade que “a mini eu” idealizou, conseguir, prosseguir e me formar. Sou grata por tudo isso.

## PARTE 2 – PESQUISA

### 2.1 INTRODUÇÃO

Considerando que o brincar segundo Vigotski (1998) e conforme define Elkonin (2008) jogo são fundamentais para o desenvolvimento da criança. Abordo neste trabalho os direitos da criança, as perspectivas em torno do histórico do brincar, a importância da ludicidade, a teoria histórico-cultural e por fim sobre o jogo e sua função no desenvolvimento psíquico e moral da criança.

Em relação aos direitos da criança fazemos abordagem aos seguintes documentos: a BNCC (documento que regulamenta quais as aprendizagens são essenciais nas escolas brasileiras da Educação Básica, para garantir o desenvolvimento do estudante), ao PNE (determina as diretrizes metas e estratégias da Educação Básica e do Ensino Superior), ao Currículo em Movimento (é um documento que busca melhorar a qualidade da Educação Básica, visando identificar e analisar as propostas pedagógicas e a organização curricular), à LDB (é a legislação que regulamenta o sistema educacional brasileiro) e ao DCNEI (são normas com foco nas interações e brincadeiras como eixos do currículo na Educação Infantil).

A BNCC traz consigo as aprendizagens essenciais ao longo de cada etapa da Educação Básica; o PNE são documentos normativos voltados apenas para a Educação; a LDB é composta das leis básicas orientadas pelos princípios sejam eles: políticos, éticos ou estéticos; o Currículo em Movimento contempla a Constituição Federal brasileira que prevê os direitos de aprendizagem e valorização da infância; Já o DCNEI é um documento voltado a Educação Infantil, que enfatiza as leis já apresentadas e busca promover o desenvolvimento integral.

É de fundamental importância considerar que este trabalho de conclusão de curso consiste em contemplar em seu desenvolvimento a temática do brincar na construção do ser humano, quais as contribuições que a brincadeira e o jogo podem trazer consigo e quais contribuições obterão para o desenvolvimento da criança, como as intervenções podem ser realizadas e como se dão as interações sociais que ocorrem através desta participação e quais possibilidades de expressão há e surgem no jogo protagonizado.

Apesar de muitos debates em torno do brincar, busco fundamentar meu trabalho nas contribuições que a brincadeira e o jogo (principalmente o jogo protagonizado) trazem, como elas interferem nas ações das crianças e nas fases que estão por vir. Para (Vigotski, 2002 apud PRESTES, 2008) é perceptível que uma criança que brinca é uma criança evoluída, a imaginação se torna ainda mais fértil e as possibilidades se expandem para além do real.

## **2.2 DIREITOS DA CRIANÇA**

Neste tópico abordarei sobre os direitos das crianças previstos por lei e fundamentados com base nos documentos que asseguram e norteiam os percursos do pleno desenvolvimento da criança, garantia de acessibilidade e permanência escolar, preparo para a cidadania e contribuindo com a ampliação de saberes.

### **2.2.1 BNCC**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018) é um documento que define as aprendizagens essenciais que todas as crianças e alunos devem desenvolver ao longo de cada etapa e modalidade dentro da Educação Básica. Assim como o Plano Nacional de Educação (PNE, BRASIL, 2014), são documentos normativos e exclusivos da educação escolar. Da mesma maneira que afirma o § 1º do Artigo 1º da Lei n. 9.394 (LDB, BRASIL, 1996) está orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN, BRASIL, 2009).

A BNCC (BRASIL, 2018) é composta por 10 competências gerais da Educação Básica, que contemplam da Educação Infantil ao Ensino Médio. Articulado na construção dos conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades, formação de valores e atitudes que também são citados na LDB (BRASIL, 1996; 2017).

Foi influenciada pela Constituição Federal (BRASIL, 1988, Art. 205), que reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

As competências e diretrizes norteiam e nortearão os currículos e conteúdos que serão abordados pelas secretarias de educação. A LDB orienta a definição de aprendizagens essenciais, elas são primordiais para a estrutura da BNCC. Duas noções fundantes é a relação entre o que é básico comum, e do que é diverso em matéria curricular.

O PNE (BRASIL, 2014, Meta 7) afirma a importância de uma base nacional comum curricular para o Brasil, com o foco na aprendizagem como estratégia para fomentar a qualidade da Educação Básica em todas as etapas e modalidades, referindo-se a direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

Logo mais, em 2017, com a alteração da LDB por conta da Lei nº 13.415, passam a serem utilizadas duas nomenclaturas como apresentado abaixo (BRASIL, 2017):

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá **direitos e objetivos de aprendizagem** do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento [...]

Art. 36. § 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas **competências e habilidades** será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino (grifou-se).

Desta forma, a BNCC (BRASIL, 2018) passa a indicar as decisões pedagógicas que devem ser orientadas para que ocorra o desenvolvimento das competências. O estudante com seus conhecimentos deve resolver demandas considerando seus saberes, habilidades, atitudes e valores para os acontecimentos complexos do seu dia a dia, além do exercício pleno da cidadania e do mundo do trabalho.

As competências gerais da Educação Básica, voltadas para a Educação Infantil, buscam contemplar os direitos de aprendizagens e desenvolvimento, campos de experiências que contemplam subgrupos separados da seguinte forma: Bebês (0 – 1 ano e 6 meses), Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses – 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos – 5 anos e 11 meses). Que tem como objetivo a aprendizagem e o desenvolvimento para a próxima etapa.

A etapa seguinte da Educação Infantil é a do Ensino Fundamental, que abrange competências específicas das áreas de conhecimento. Essa etapa é dividida por anos iniciais e finais, que possuem unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. Que são como colunas estruturantes e de grande importância para a próxima etapa, que é a do Ensino Médio, quando o aluno deverá concluir com suas habilidades formadas.

Após o que foi exposto acima, referente ao contexto da BNCC, gostaria de abordar, com maior ênfase, o que é considerado indissociável na primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil, e o fundamento do processo educacional, a base que ressalta que o educar e o cuidar andam lado a lado. Consolidam e forjam a vivência, as novas aprendizagens e os conhecimentos na Educação Infantil.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009) definem a criança como:

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, Art. 4º).

De acordo com o DCNEI, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas da etapa da Educação Infantil são as interações e brincadeiras, quando as crianças apropriam de seus próprios conhecimentos por meio de suas ações e interações com o meio e adultos. O que

possibilita maior desenvolvimento, aprendizagens e socialização. Essa interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância. É visível a expressão das crianças, as frustrações, a resolução de conflitos e emoções.

Os direitos de aprendizagem que asseguram as práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Infantil são as de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Que consistem na interação com o outro, seja adulto ou criança, no conhecimento de si, no desenvolvimento dos seus sentidos e relacionais, no posicionamento de sentir-se pertencente, na exploração da cultura do saber, na construção de um sujeito dialógico e em construir no seu eu.

Nesta perspectiva, a criança como ser humano, observa, questiona, assimila, entende e constrói seus conhecimentos “prévios” e se apropria dos conhecimentos sistematizados, que tem uma intencionalidade educativa por trás das práticas pedagógicas por meio da ação e interações com o mundo físico e social na inserção da Educação Infantil.

O Ensino Fundamental, com nove anos de duração, é a etapa mais longa da Educação Básica, atende aos estudantes de 6 à 14 anos. Essa etapa é dividida em duas fases, que são elas: Anos Iniciais e Anos Finais. Ou seja, há crianças e adolescentes, que ao longo deste período passam por uma série de mudanças sejam eles físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros.

A BNCC do Ensino Fundamental voltado aos anos iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, retoma a articulação de experiências vivenciadas anteriormente na Educação Infantil. Essa articulação necessita da progressiva sistematização para o desenvolvimento e novas formas de relação. Essa fase da etapa apresenta a consolidação das aprendizagens para a ampliação de novas práticas. Já a segunda fase da etapa do Ensino Fundamental, é cheia de desafios, complexidades, vem para aprimorar, fortalecer a autonomia do pré-adolescente e adolescente e dar continuidade no percurso para capacitar e promover a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio.

O brincar na BNCC é considerado primordial, pois a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância. É previsto no documento que através da brincadeira as aprendizagens são potencializadas e contribuem para o desenvolvimento integral da criança. Possibilitando-a mais liberdade de expressão, resolução de conflitos, ampliação de seus conhecimentos e criatividade. Permitindo que a criança a conheça e reconheça a sua identidade pessoal, a interagir com o meio e com o outro, fazendo com que ela explore ainda mais o contexto e que ao experienciar novas situações tenham descobertas.



### 2.2.2 CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL

A Educação Infantil é duplamente protegida pela Constituição Federal (BRASIL, 1988) tanto é direito da criança previsto no art. 208, inciso IV, como direito dos trabalhadores e trabalhadoras em relação aos seus filhos e dependentes como expresso no art. 7º, inciso XXV. Portanto, a Educação Infantil volta-se como expressão dos direitos humanos, com foco no direito de aprendizagem da criança e tendo como foco também a dignidade por meio do acesso.

Em torno do século XVIII, não havia um olhar sensível para as crianças neste assunto. Por meio de iniciativas tomadas pela Medicina, Psicologia e da Pedagogia sobre a direção dos direitos, teorias de desenvolvimentos, conhecimento da vida infantil e sobre cidadania. Discursos e iniciativas para a sustentação das práticas foram surgindo. Como campanhas de amamentação, instituições de atendimento e creches para atender se maneira mais assistencial pra necessidade do cuidar.

No decorrer do tempo, a infância passou a ser notada e um ideário foi atribuído à criança. O status de sujeito de direitos, estendendo-se na elaboração de documentos celebrados internacionalmente, entre os quais, a Declaração de Genebra (1924), a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959) e a Convenção dos Direitos da Criança (1989).

Na década de 80, foi o processo marcante de reconhecimento da valorização da infância porque o enfoque sai da tutela da família e recai sobre o direito assegurado pelo Estado. Onde é explícito pela Constituição Federal que a criança é um sujeito de direitos. Possui direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à dignidade, ao respeito, à liberdade, às convivências familiar e comunitária.

Uma das consequências desse movimento é o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado e direito da criança. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA em 1990 foi um dos primeiros marcos nessa direção, em seguida a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, promulgada em dezembro de 1996, é a consolidação que firma o elo entre a primeira infância e o atendimento educativo em instituições de educação coletiva.

O currículo em movimento ressalta que a criança é um ser em constituição e em processo de humanização. Para Vigotski (2012), ao apropriar-se da cultura acumulada ao longo da história, a criança renasce como ser social. As crianças tem a capacidade de aprender e desenvolver nas relações entre seus pares e com adultos. Fazendo o uso de sua capacidade, as crianças participam de situações de aprendizagem, se desafiam e vivenciam.

As imensas possibilidades e potencialidades da criança é o que norteia o currículo. É importante conhecer elas em seus fazeres, invenções, imaginações, linguagens, cuidados e brincadeira. Nenhuma criança é idêntica a outra, na Educação Infantil há uma divisão em três

períodos que seriam esses: bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Vale ressaltar que assim como foi expresso na BNCC “esses grupos etários não podem ser considerados de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser considerados na prática pedagógica” (BRASIL, 2017, p. 40).

O desenvolvimento se dá através do processo. A periodização do desenvolvimento infantil foi um assunto que gerou várias correntes teóricas. Cada fase tem uma atividade dominante na relação do indivíduo com o mundo, como propôs Elkonin (1971), a partir da teoria da atividade proposta por Leontiev (1965), tendo como base a Psicologia Histórico-Cultural.

Para melhor entendimento da atividade-guia, foi exemplificado no Currículo em Movimento com os seguintes exemplos: no primeiro ano de vida é a relação social que prevalece, seja com crianças ou adultos, no segundo ano a atividade desenvolvimento é objeto manipulatório, já no período das crianças entre três a seis anos, passa a ser as brincadeiras de papéis sociais.

A fase dos bebês e das crianças é a fase do descobrimento de si mesmo, do mundo físico, social e cultural. O choro e o olhar tornam-se uma linguagem muito presente na comunicação dos bebês. Já as crianças pequenas consolidam as finalidades e os motivos, o que reflete em suas ações.

O educar e o cuidar andam interligados, como foi dito anteriormente, pois o afeto é fundamental para o desenvolvimento da criança. Uma frase que faço destaque do Currículo em Movimento em relação que o cuidado é uma postura ética de quem educa. O ato de cuidar e educar vai além de garantir as vivências, experiências e conhecimentos da criança, as práticas sociais significam uma educação cuidadosa.

O brincar e o interagir na Educação Infantil se estabelecem nas relações sociais. A atividade intelectual envolve a afetividade. Vigotski (2008) tratou em seus materiais justamente isso, que as pessoas envolvidas afetam e são afetadas nessa prática educativa; tudo isso se dá através dos relacionamentos humanos ao expressarem seus sentimentos.

A criança, ao brincar, gesticula, fala, desenha, imita, canta entre tantas outras possibilidades de expressão. No próximo tópico farei uma abordagem de forma mais aprofundada. Adianto que o brincar é algo sério, é uma das principais atividades para a criança, mas, como dizia Elkonin (2009) em seus estudos, talvez não seja a principal, mas sem dúvidas brincar é primordial.

Ninguém nasce sabendo brincar, aprende-se nas interações. E é justamente isso que a Psicologia Histórico-Cultural tem comprovado através das teorias norteadas nesta perspectiva.

Como Vigotski (2008) abordou em suas teorias, o brincar libera a criança das limitações do mundo real, permitindo que ela crie diversas possibilidades em seu mundo imaginário.

Na transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, é importante que sejam criadas estratégias para acolher, inserir e adaptá-las nesta transição. Elas devem se sentir protegidas, seguras para superar os desafios que estão por vir nesta nova fase. O documento DCNEI propõe assegurar às crianças a garantia do processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Com as abordagens das DCNEI e da BNCC, a segunda edição do Currículo em Movimento – Educação Infantil (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 60) adota e assegura os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da seguinte forma:

[...] as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidam a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

O direito de aprendizagem consiste em cinco campos de experiências e de saberes, são eles: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

A Educação Infantil tem o papel de instigar as crianças a conhecer e valorizar o conhecimento das suas ações e atitudes de organização das ideias para conviver em sociedade. Os campos de experiências envolvem as múltiplas linguagens, permitindo a elas a compreensão do mundo e a produção de novas vivências e entendimentos.

O currículo em movimento explica que o brincar é uma condição de aprendizagem, desenvolvimento por internalização das práticas sociais e culturais. A brincadeira emerge da vida em sociedade, da interação com o outro. Ela exemplifica a prática educativa e como se constitui por meio da imaginação, experimentação e da descoberta. Vigotski (2008) advertiu que o brincar é vital para o desenvolvimento da criança em todos os aspectos: social, emocional, cognitivo, motor, volitivo e fala.

### **2.2.3 DCNEI – DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

As DCNEI são direções norteadoras, aborda em seus artigos todas as regras e normas a serem seguidas. Enfatiza o que já foi apresentado nas leis, como assegurar o direito da criança ao acesso, promover o desenvolvimento integral da criança, levar em consideração que a criança é um sujeito histórico, garantir a interação social, contribuir para a permanência, oferta

pública e gratuita seja meio período ou integral, resguardar o acesso aos processos da criança, contemplar as práticas pedagógicas e promover o desenvolvimento da criança para a transição ao Ensino Fundamental.

Tendo em vista que as crianças são indivíduos históricos e possuem direitos de acesso à educação, a saúde, a cultura, entre outras políticas públicas. O direito ao acesso à Educação Infantil vai ocorrer em duas fases a não obrigatória de 0 a 3 anos onde a criança vai ingressar na creche e a inserção obrigatória dos 4 ou 5 anos na Educação Infantil, onde a criança deve ser matriculada em uma instituição de ensino.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, articula diversas experiências e saberes das crianças. Devem garantir o acesso ao processo de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos, além disso, assegurar a garantia de diversas linguagens, assim como o direito à proteção, à liberdade, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com o outro.

As propostas pedagógicas devem respeitar os seguintes princípios: éticos (da autonomia, responsabilidade, da solidariedade, do respeito, ao meio ambiente e as culturas ou diferentes linguagens e singularidades), políticos (dos direitos e da criticidade no que diz respeito à democracia) e estéticos (da sensibilidade, ludicidade, criatividade liberdade de expressão).

A escola tem dupla função, ela é sociopolítica e pedagógica. Ou seja, a instituição de ensino deve oferecer condições e recursos para que as crianças de diferentes classes sociais usufruam dos seus direitos civis, humanos e sociais. Assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias. Promovendo tanto a convivência, quanto a ampliação de saberes e conhecimento de diferentes naturezas.

A educação em sua integralidade, juntamente com o cuidado são indissociáveis. Assim como o documento também defende a indivisibilidade das dimensões das crianças sendo essas as dimensões: expressivo-motora, afetiva, cognitiva, ética, linguística, estética e sociocultural. Vale ressaltar que é importante respeitar as especificidades de cada criança a forma que cada criança é, a faixa etária, sua religião, ou qualquer outra característica. A participação da família no ambiente escolar é fundamental na construção do conhecimento da criança.

O currículo da Educação Infantil é um conjunto de práticas que buscam articular os saberes das crianças e as experiências que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico, de tal modo a promover o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos. Buscando articular todo o conhecimento construído pela sociedade para contribuir com todos aspectos da criança.

A avaliação na Educação Infantil visa acompanhar o processo de aprendizagem, através dos trabalhos pedagógicos para a avaliação do desenvolvimento das crianças. A observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças; A utilização de múltiplos registros como relatórios, fotografias, desenhos etc.; continuidade das aprendizagens nas diferentes transições apresentadas na Educação Infantil, transição casa/instituição, creche/pré-escola e pré-escola/Ensino Fundamental. Respeitando as crianças sem a antecipação dos conteúdos que serão abordados posteriormente no Ensino Fundamental.

### **2.3 HISTÓRICO DO BRINCAR E TARJA BRANCA**

O que falta nesse mundo é um pouco mais de leveza, de brincadeira, de divertimento, de fazer aqui o que te traz alegria. Na correria do dia a dia, a grande maioria das pessoas deixou de brincar, de sobrar tempo para vivenciar o que aprecia realmente, o que sente prazer em estar fazendo.

Foi falado no início do documentário “Tarja Branca” que quando você perde a capacidade de brincar, você perde um pouco da sua essência. Da criança que está dentro de você. Nós vivemos em um mundo que exige tanto de nós que esquecemos de nós mesmos. Sempre estamos preocupados com algo, pensando no que fazer depois daquilo. Espera aí, e quando vamos fazer o que eu chamo de "vários nada"? Às vezes, me perguntam “quer fazer o que?” E eu respondo: “Vários nada”. Meu esposo me pergunta: “o que você quer fazer?”, e eu respondo: “Ir pro parque, olhar para o céu, não pensar em nada, fazer vários nada...”. É um dia que não tenho preocupação de ter o que fazer, sabe? Só fazer o que tem vontade, como ficar deitada na grama, olhando para o céu e brincando de adivinhação e pronto, está ótimo.

No documentário “Tarja Branca” houveram diversos depoimentos dos adultos, lembrando sobre brincadeiras que mais gostavam e fizeram parte da sua infância como: pedrinha, bicicleta, pular corda, batucar etc. Quando éramos criança, sonhávamos em crescer. Hoje em dia, sonhamos em sermos crianças novamente. Termos mais liberdade, tempo, tempo este, tão bom e que não volta.

Infelizmente, também há as infâncias tristes, seja por terem outra demanda imposta para auxiliar a família, ou algo mais grave como abuso etc. Que fere e faz com que a busca da infância na maturidade seja mais recorrente que o indicado, pois interfere de certa forma em sua personalidade, tornando até um ser humano com dificuldade de resolver problemas, inseguro, por vezes imaturo.

A brincadeira é essencial. Ela está na espontaneidade do ser humano. É viver e afirmar a vida. É a forma de expressão mais verdadeira que existe. No documentário, foram ditas

diversas falas como a do brincar que se remete a uma forma de linguagem que nos toma por inteiro, “a criançada tá ali por inteiro com seu corpo, com a psique, interage, raciocina e evolui suas ideias e pensamentos”. “Suas soluções aos seus problemas” (professora de música e pesquisadora, Lydia Hortelio; Pedagoga, Ana Lucia Villela).

Trazem também a abordagem ao que é uno, não se divide. Permanece interligado. Fazem essa associação em relação à lembrança do brincar e à lembrança da unidade. E é esse uno que o ser humano procura a vida inteira. Sentir, pensar, querer, ir além, juntos se torna uma unidade. Essa interrupção impede a criança de se expressar. Você acaba matando o ser humano no seu início. Existe sempre um perde e ganha constante. Limites devem ser colocados até certo ponto. Mas não limite o brincar (pedagoga, Maria Amélia e professora de música e pesquisadora, Lydia Hortelio).

As crianças estão cada vez mais crescendo bombardeadas de informações. É muita agenda para uma criança só, hoje em dia, é aula demais, treinos abusivos, seja de balé, música ou mesmo muito tempo de tela e modinha. O saudoso ator e palhaço Domingos Montagner disse em seu depoimento que gostava muito de deixar um tempo vago para seus filhos, às vezes, eles ficavam um pouco aflitos, mas deixar um tempo livre é essencial, mesmo que seja para fazer nada ou explorar algo novo. Em outra fala, foi dito que o mundo precisa de uma revolução a respeito do ser criança, pois as crianças são violentadas, por serem enxergadas como “mini adultos”, por não serem vistas como seres pensantes.

A cultura da criança é o poder do Brasil. Ao ver uma criança brincando, é possível reaprender a cultura do humano. O inventar do adulto se dá através do brincar da criança, segundo a senhora pedagoga. A criatividade e o brincar andam lado a lado, o ideal seria se levássemos nossa vida como uma brincadeira, tudo seria bom, voltaríamos a ser criança, mesmo sendo mais velhos. Nós podemos tirar proveito de como isso pode ser manifestado na vida adulta.

No meu caso, sempre gostei da ideia de ser professora e quando estou em sala de aula, mesmo na função de estagiária, me sinto tão feliz (às vezes, fico nervosa, dá um “friozinho” na barriga, por não ser meu local de costume ainda, mas, realizada por estar me tornando quem sonhei ser quando criança) e nada melhor do que conquistar o que sonhou e realizar o desejo da menina que vive dentro de mim. Para o escritor Marcelino Freire, “não se pode perder esse pé no sonho, esse pé na infância”. E eu complemento dizendo que não deixe de buscar o que seu ser, na infância tanto sonhou.

Mas, por vezes, até chegar onde queremos, devemos passar por fases, ser como máquinas. Ficar 6, 8, 12 horas, trabalhando para receber, fazendo coisas que não gostamos

tanto, porém, buscando a forma de suprir nossa necessidade financeira como ser humano. Para que o Brasil funcione, os impostos cheguem e a economia floresça, mesmo que por necessidade, matamos parte da nossa criança, do nosso querer, “para nos encaixar na engrenagem, nos configurar para fazer funcionar todo o processo, nos submetemos por uma remuneração”. É um exercício, você se permitir brincar ou dizer “eu não estou aqui para brincadeira” (ex-bancário, artesão universitário, Hélio Leites; escritor e compositor Bráulio Tavares).

Às vezes, as pessoas ficam de cara fechada, lutando, lutando por algo que nem elas mesmo sabem o que é. Que triste ver alguém lutar tanto sem um propósito, um motivo. Ou mesmo conquistar e não saber usufruir do que tem. A ansiedade, a frustração, a insegurança e o medo, têm adoecido a sociedade cada vez mais, brincam menos e vivem cabisbaixas. A alegria não está na moda. O que está em alta é o pânico, a depressão, os surtos etc. A tristeza faz parte da vida humana, somos vulneráveis e não vivemos plenamente bem. Mas muitos fatores têm nos adoecido de tal forma que a alegria de viver, a felicidade do teu ser vem ficando de lado (professora de música e pesquisadora, Lydia Hortelio; psicanalista, Ricardo Goldenberg; ator e diretor, Marcio Libar).

“Porque tarja branca? Tarja branca é um remédio do futuro, no futuro o remédio não vai entrar pela boca, irá entrar pela orelha” (ex-bancário, artesão universitário). É a palavra que vai consertar as pessoas. Nós aprendemos muito pelo ouvir. E como aprendemos...E como o poder do ouvir pode nos atingir de maneira poderosa. Quem brinca é feliz. E o que queremos? O que queremos é ser feliz. (coreógrafa, Andrea Jabor).

Conforme a frase atribuída a Albert Einstein, “o brincar é a mais alta forma de pesquisa”. Não tem coisa melhor do que brincar, do que fazer o que gosta. Há uma música chamada “Cada um na sua” da dupla sertaneja Fernando e Sorocaba, “Já imaginou que absurdo, viver sem o que mais ama no mundo? Tirar a farda do soldado, a lei do advogado” outra parte da música diz assim: “O cientista viaja na sua pesquisa, o professor enquanto ensina, o motorista viaja pelas rodovias e eu viajo em você”. Em você, pessoa, sonho, realização etc.

Ir atrás do seu próprio desejo é brincar. Pois isso é fazer o que realmente gosta. Estar trabalhando e cantando, como disse um artesão em um dos depoimentos, por exemplo. Quem canta seus males espanta. Se anima, acaba produzindo mais feliz. Eu, particularmente, gosto muito de um samba de Martinho da Vila que diz assim: “Canta, canta, minha gente, deixa a tristeza pra lá, canta forte, canta alto que a vida vai melhorar.” A imagem do Brasil é um país alegre, livre e feliz. É um país que esbanja sua história narrativa e festa. Sorrindo e cantando, celebrando a vida, essa é a visão de mundo do brasileiro (escritor, Marcelino Freire).

E como um todo? Como o mundo todo? Nós mal sabemos responder. O Brasil é misto, mas continua, em sua essência, um ser brincante. Ser brincante é ser e ter o corpo como instrumento da alegria. Quando falamos de brincadeira, falamos de magia. Nos atrai tamanha beleza, nos encanta. É importante preservar nossa memória, e nos permitir conhecer e explorar coisas novas. Vamos valorizar nossa cultura brasileira. Somos uma nação unida. Quem segura esse “brasizão”? Se não o povo brasileiro? A cultura, dita como popular, torna você parte de algo e tira você do seu “cantinho” de conforto. (ator e diretor, Marcio Libar; coreógrafa, Andrea Jabor; a pedagoga, Maria Amélia; multiartista, Antônio Nóbrega).

Pode ser advogado e dançar frevo, pode ser médico e cantar MPB, seja quem você queira realmente ser. Seja o que faz você feliz e isso é o que importa. Só não deixe de ser você! Seja você! A criança que sonhava em ser aquilo que sonhou é quem você se tornou? Você tem foto, você relembra. Aquele brilho ao falar da sua lembrança tem que ser permanente. Tenha gosto de viver. Deixe a criança que vive dentro de você, brincar e explorar todos os momentos da sua vida. Não decepcione a essência da sua criança. Qual foto você mais gosta de quando era criança? Aquela criança se orgulha de você? As suas escolhas te levaram onde ela queria chegar? Reconheça-se no território sagrado da infância, só de imaginar você já sabe o que é lá. E que delícia é viver na beleza dessa inocência. Mesmo que sua bagagem seja grande. Nada se passa. E nada que foi vivido foi em vão (todos do elenco de Tarja Branca).

Segundo Brougère (2002a; 2002b), quando a criança dispõe de autonomia e domina uma atividade lúdica voltada para o divertimento, podemos debater o real interesse educativo envolvido. Então, o brincar é visto como mecanismo psicológico, e esta concepção partiu dos estudos de Freud [1908], onde o sujeito se mostra criativo, que percebe no brincar o princípio de prazer oposto ao da realidade.

Para Brougère (2002a), o brincar é uma dinâmica essencial do ser humano. As crianças constroem o ambiente em que brincam e atribuem significado a tudo o que ocorre em suas brincadeiras. Para ele, a criança aprende brincando, ou melhor “aprende-se ao brincar”. A criança não é um ser que absorve tudo o que é depositado em si, ela é um ser pensante, constrói seus pensamentos, tem seus conhecimentos, possui cultura e tem seus modos de produzir sua própria cultura. A criança adquire e encaixa suas peças da cultura lúdica brincando.

A cultura lúdica é diversificada, de acordo com o meio social. Para Brougère (2002a), é uma maneira de interação social que envolve os indivíduos em suas ações e também através dos objetos materiais inseridos na brincadeira. Por meio do imaginário, as crianças criam contextos e possibilidades com o que estão ao seu alcance. O brincar é uma dinâmica essencial do ser humano.



Vigotski em seus estudos sobre a aprendizagem humana, ele percebeu que existem coisas que as pessoas já sabem fazer sozinho, coisas que as pessoas podem fazer com o auxílio de outros, ou seja, que podem aprender e por fim coisas que não pode aprender. O que a pessoa já sabe fazer está dentro do que ele denomina de desenvolvimento real, o que a pessoa ainda pode aprender se encaixa na ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal são as aprendizagens que ainda estão perto de ser aprendidas na interação com o outro; já as coisas que as pessoas não podem fazer nem com ajuda são saberes que se localizam fora da ZDP. Mas na medida em que o que pode ser aprendido é aprendido, aquilo que não seria possível aprender nem com ajuda, se torna possível, pois a pessoa vai ficando cada vez mais capaz e com mais habilidades.

Leontiev (1965) afirmava que na atividade lúdica a criança descobre as relações existentes entre as pessoas. Além disso, as crianças também conseguem, através da brincadeira, avaliar suas habilidades e compará-las com as das outras crianças. Assim como Leontiev (1965) pensava, estou de acordo no sentido de que as brincadeiras mudam conforme a idade vai passando. Pois, a criança vai querendo se desafiar mais, conhecer e ultrapassar seus limites.

Na visão de Vigotski (1933), toda brincadeira, mesmo sendo livre e não estruturada, possui regras. Ainda que sejam inseridas na hora. As crianças tem a autonomia de conduzirem essas regras com seu próprio comportamento até em uma brincadeira de faz de conta. Por exemplo: faz de conta que eu sou a polícia e você é o ladrão, você foge e eu procuro, se você estiver no alto, eu não posso pegar e assim por diante; a criança vai imaginando e sugerindo alterações nas regras mesmo que sem perceber através dos combinados. O processo de representação leva ao pensamento abstrato, dando à criança um leque de possibilidades. E sem dúvidas, na teoria de Vigotski (2008), o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Em um prefácio ao artigo de Vigotski [1933], traduzido por Zoia Prestes (2008), intitulado “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança”, ela faz abordagem a vários estudos realizados por ele. Inclusive o da brincadeira e o seu papel. A brincadeira é fundamental, através dela a criança interage com o meio e com os outros, propicia à criança a ter mais vivências e descobertas. Na primeira infância, a criança manifesta a resolução para a satisfação dos seus desejos, por exemplo: se ela quer pegar um objeto, ela deseja pegar no mesmo instante. Na pré-escola, a criança já consegue diferenciar um pouco, e ela pode abrir mão do seu desejo; o desenvolvimento intelectual caminha juntamente com a esfera afetiva, caso a criança seja obediente e compreensiva, pode ser que ela venha a abdicar do que deseja, caso contrário, poderá exigir de sua maneira, seja com birra, insistência etc.

Do ponto de vista de Vigotski (2008), ao se questionar “por que a criança brinca?”, ele entende que a brincadeira é entendida como uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis. A essência do brincar é que ele é a realização de desejos. Na brincadeira, a criança cria uma situação imaginária, determina e atribui os significados e as características do que imagina acontecer, entre outras coisas dentro da situação ilusória.

Elkonin (2009), avançando os estudos de Vigotski, elaborou a lei do desenvolvimento do brinquedo. Para aquele autor, o brincar passa por momentos evolutivos. A brincadeira vai de uma situação inicial, onde são explícitos o papel e a cena imaginária e as regras latentes, para uma situação em que as regras são explícitas e o papel e a cena imaginária permanecem latentes:

O papel que a criança interpreta e a sua relação com o objeto, caso este tenha seu significado modificado, sempre decorrem das regras, ou seja, a situação imaginária, em si mesma, sempre contém regras. Na brincadeira, a criança é livre. Mas essa liberdade é ilusória (VIGOTSKI, 1933, p. 28).

A ideia do lúdico é associada a algo atraente, satisfatório. Vigotski (1933) afirmava que se não entendermos o caráter essencial de tais necessidades, não entenderemos a particularidade da brincadeira como uma atividade. Não é pela busca da satisfação em si, mas pela ação, cumprir as regras proporciona certo prazer.

O artigo “A brincadeira como educação da vontade: cumprir as regras é a fonte de satisfação” escrito por Tereza Mudado (2008) tratou exatamente sobre a satisfação por cumprir as regras, como as crianças respeitam isso e se desenvolvem, adquirindo novas funções para a vida. Num modo de investigação por querer aprender e se superar no que quer ser aprendido, elas investigam e buscam se superar. É necessário compreender o pensamento e é preciso considerar os motivos da sua ação.

Tereza Mudado (2008) buscava entender o desenvolvimento do ser humano considerando as condições concretas de existência e as relações históricas da época. Esse desenvolvimento não é linear e sim em ciclos, e se dá através de atividades principais; na idade pré-escolar uma dessas atividades é a brincadeira, posteriormente, irá ser substituída pelo jogo e suas regras.

Conceituou Vigotski (2002 apud PRESTES, 2008, p. 122 e 132) que “toda função da consciência surge originalmente na ação, sendo que as ações internas e externas são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos conduzidos pela ação externa”. Na atividade lúdica, a mudança da situação real para o meio do pensamento, ou seja do ilusório, se dá através do objeto ou ação que serve como pivô e possibilita por meio da imaginação certa liberdade para o mundo ilusório.

Mudado (2008) fez abordagem ao livro “A formação social da mente” de Vigotski, que abordou, de forma aprofundada, a questão de como a criança age ao se inserir pela primeira vez em uma brincadeira: a criança vê o objeto, porém tem uma reação diferente da esperada. Essa ideia remete à liberdade de ação, ela vai sendo construída gradualmente. Para Vigotski (2002, p. 127), “a ação numa situação imaginária é influenciada também pelo conteúdo ideacional da representação e ensina à criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos, mas também pelo significado dessa situação”.

O sentido da ação é o que interliga a ação em si do motivo. Então, podemos compreender que em uma mesma ação pode existir diferentes sentidos, emoções, razões e sentimentos. O pensamento é gerado pela motivação e é exatamente em busca dessa resposta que analisamos o interesse através dos pensamentos. Vigotski (2002) enfatizava em sua teoria que deve se entender o pensamento, mas isso por si só não seria suficiente, é preciso que conheçamos a motivação.

A brincadeira possibilita resolver algumas necessidades, porque é tomada por seus desejos. Neste primeiro momento, o papel do adulto estimula as ações, de forma presente, mas inconsciente para as crianças ainda. Mais à frente, as regras serão evidentes e o conteúdo não. Faço destaque a seguinte abordagem:

O conteúdo dos jogos protagonizados evolui com o pensamento para a compreensão das regras de relação entre as pessoas e se convertem, pela brincadeira, em uma fonte do desenvolvimento moral da criança. É essa "tensão" entre a sujeição às regras e à renúncia à ação impulsiva que produz a satisfação na brincadeira (MUDADO, 2008, p. 21).

Com isso, quando a criança contém o seu impulso, conquista a autonomia e experimenta o protagonismo de suas ações, desenvolve suas habilidades sociais, podendo ter uma melhor interação com o meio e a coletividade. É importante reconhecer que em cada etapa, algo foi colaborativo para o desenvolvimento como um todo e que contribuiu para torná-la ainda mais capaz de enfrentar a cada fase que está por vir, sejam desafios econômicos, ecológicos, políticos etc.

Na brincadeira, a criança é livre. E, para Vigotski (2002), essa liberdade é ilusória. Ele exemplificou com a seguinte situação: se a criança faz papel de mãe, ela se comporta como a referência de mãe que ela tem, a mãe cuida, dá banho, alimenta, entre outras atividades. Vigotski (2008) enfatizou que o papel que a criança cria, sempre decorre das regras, ou seja, a situação imaginária sempre contém regras. Algumas regras surgem na criança, é uma

autodeterminação, ela pensa “devo me comportar assim nesta brincadeira”. Isto diferencia do que ela pode ou não pode, mas também é importante para o desenvolvimento moral infantil.

Vigotski (2002) exemplificou que quando uma criança usa o cabo de vassoura para tornar-se um cavalo, a ideia separa-se do objeto, a ação em conformidade com as regras, começa a determinar-se pelas ideias e não pelo objeto em si. Embora a criança não consiga distinguir isso imediatamente, a brincadeira é considerada, pelo autor, uma forma de transição para isto. O objeto transforma-se num ponto de apoio que é denominado como pivô por Vigotski para essa separação do significado dito como cavalo do cavalo real. Modifica-se e determina a relação da criança com a realidade e da percepção real constituída. A brincadeira não é simbólica, a criança não simularia um cavalo com um simples botão, e isso é explicado pelo autor como símbolo ou signo, o significado muda de acordo com o objeto.

Existem dois paradoxos classificados por Vigotski (2002), no primeiro, a criança opera com significado, mas em uma situação real, já no segundo paradoxo, ela recusa aquilo que deseja, para se submeter às regras, entrega-se para uma satisfação máxima. Um exemplo pontuado por ele é exatamente o da largada de uma corrida, a criança aguarda o “1, 2, 3 e já” para agir e disparar na corrida. Há nela o desejo de correr, porém, ela se controla, pois a regra do jogo foi clara e o controle para não agir por impulso é necessário.

Dessa forma, uma característica essencial da brincadeira é a regra, que se transformou em afeto. "A ideia que virou afeto, o conceito que virou paixão" - o protótipo desse ideal de Spinoza, na brincadeira, que é o reino da liberdade. O cumprimento da regra é a fonte da satisfação (VIGOTSKI, 2008, p. 33).

Pontuou Vigotski (2002) que a brincadeira dá à criança uma nova forma de desejos, ou seja, ensina-a a desejar, relacionando o desejo com o ‘eu’ fictício, ou seja, com o papel na brincadeira e a sua regra. Além disso, ele tratou que na brincadeira a criança está sempre acima da média. Todas as tendências para o seu desenvolvimento parecem estar acima do que seria comum. Para ele, por trás de uma brincadeira, a criança passa por alterações, a brincadeira é uma fonte de desenvolvimento e cria a zona de desenvolvimento iminente (ZDI) ou proximal (ZDP) elevando a criança pela atividade do brincar.

## **2.4 LUDICIDADE E TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL – VIGOTSKI E ELKONIN**

O desenvolvimento humano não pode ser compreendido de forma isolada. Para Vigotski (2008), o mental não se separa do emocional, nem do fisiológico. Cada etapa do desenvolvimento humano, na visão histórico-cultural passa e finda em ciclos.

Elkonin (2009) era um estudioso, seguidor de Vigotski em seu pensamento histórico-cultural, dizia que, assim como as ações lúdicas iniciais da criança estão interligadas, todas as formas possíveis de conduta são peças fundamentais. É exatamente por isso que essas ações se revestem de maneira inacabada.

O brincar é único, cada brincadeira traz consigo a singularidade no desenvolvimento do ser humano. Por exemplo, o bebê tem menos autonomia se o compararmos com uma criança da pré-escola que já participa de brincadeiras, já está mais socializada e desenvolvida em seus sentidos. Na idade escolar, a criança já possui autonomia de seguir as regras do jogo, de competir, querer dar seu melhor e mostrar suas habilidades.

Cada etapa da vida tem suas particularidades no desenvolvimento do ser humano, o que pode ser rico a um bebê pode deixar de ser interessante para uma criança, adolescente e assim sucessivamente. A criança satisfaz certas vontades nas brincadeiras, um adulto satisfaz seus desejos em conquistas sejam elas materiais ou evolutivas do seu ser.

No prólogo da edição espanhola de 2009 do livro “Psicologia do Jogo”, do autor Daniil B. Elkonin, a obra tratava do jogo dito como protagonizado, e é a melhor prova quanto a vitalidade da teoria de Vigotski, que tinha seu material desconhecido para quem não tinha conhecimento a língua russa, “O papel do jogo no desenvolvimento cognitivo” de Vigotski, levou cerca de 40 anos para ser traduzido para o espanhol. Elkonin com seus conhecimentos e estudos, vinha apresentando a teoria de Vigotski em seus trabalhos. Elkonin participou de vários trabalhos acerca de experimentos, desenvolvimento de com crianças cegas, surdas, com necessidades educacionais específicas e sobre desenvolvimento do jogo protagonizado.

A obra de Elkonin (2009) considerava como unidade fundamental do jogo o “jogo protagonizado” como foi dito anteriormente. É característico das crianças do final da idade pré-escolar, é cooperativo e considerado um jogo social, pois há reconstituição de papéis e possui interações seja com outras crianças ou adultos. A condição considerada essencial nesta teoria é o reconhecimento do lúdico na situação imaginária ou fictícia como foi abordada.

Elkonin (2009) os apresenta como se dá a interações de papéis, como colocar-se no ponto de vista do outro, seria algo mais cooperativo e trabalhando no contínuo descentramento do seu “eu”. Com este pensamento operativo, buscava possibilitar a criança a superação do egocentrismo infantil. E além disto, a evolução da consciência da criança no que diz respeito a relação delas com o ambiente, com as regras e logo em seguida com a consciência democrática.

O desenvolvimento da criança não é um processo linear, mas em ciclos. Faço destaque da abordagem (Prólogo, 2009, XIII): “O convencionalismo conseguido no jogo protagonizado convive durante anos com uma atitude muito mais rígida em face da realidade das próprias

regras”. Com isso, a criança pode interpretar algo que foi dito por outra pessoa, para que haja uma atitude manifestante.

Tanto a teoria de Vigotski quanto a de Elkonin tratavam da importância do jogo na vida infantil, da relação do jogo para o próprio desenvolvimento intelectual da criança. Para esses psicólogos, o jogo e o jogar estão entrelaçados à fantasia. O jogo é conceituado como manifestação de uma singular vivacidade, conseqüentemente, de diversão e desenvolvimento da imaginação.

A fantasia parte de sua imaginação, o pensamento é transformador, uma criança é capaz de atribuir várias funções a um só objeto, uma garrafa pode ser uma bola, um pino de boliche, entre outras funções. Segundo Elkonin (2009), essa ideia parte de um dos estudos de Gabriel Comperé; porém, Sully, outro estudioso, acreditava que a fantasia pode originar-se em sua criação na realidade circundante, ela colide com a realidade, ou seja, a criança busca realizar algum papel. Ao protagonizar, a criança busca papéis que fogem do seu Eu, propriamente dito. Vários outros pesquisadores compartilham esta ideia de Sully, interligando o eu à fantasia.

Em seu livro “Psicologia do jogo”, também abordou um exemplo de jogo chamado “estrada de ferro”, onde as crianças assumiam papéis como de maquinista, atendente de bilheteria, dona da cantina, chefe de estação e passageiros, as ações lúdicas estabelecem relações recíprocas, as bonecas são as filhas, as cadeiras são o trem em si, as folhas são o dinheiro e passagem etc. Assim como toda personagem tem seu papel, a criança que se denomina tal coisa, interpreta o papel assumido. O papel e suas ações são indissociáveis, assim como o brincar e o educar.

A brincadeira ocorre apenas entre as crianças. A partir do momento que há a intervenção do adulto, torna-se jogo. No caso do jogo protagonizado, o adulto pode influir apenas no fornecimento do material, e as construções são feitas pela própria criança, a realidade que a circunda é determinante na influência do jogo protagonizado. As crianças possuem interesse por brincar de ser professor, vendedor, atendente, entre tantos outros papéis.

Lembro-me, de quando estava nos anos iniciais do Ensino Fundamental, fizemos um passeio para ir ao mercado e comprarmos o que dava com apenas dez reais. Quando fosse passar ao caixa, um colega de classe ficava ao lado da operadora de caixa para interpretar o papel da atendente e dar o possível troco, caso tivesse. Foi uma experiência muito interessante e marcante, pois revezávamos, estávamos num ambiente real de supermercado e tudo foi proporcionado para que vivêssemos aquela inusitada experiência.

O conteúdo do jogo é reconstituído pela criança, por meia da atividade dos adultos na vida social e no trabalho. No caso do jogo “estrada de ferro”, é possível observar que a criança

ao saber a função que cada área desempenhava, estabeleceram entre elas a função de cada um no jogo. Mas tudo depende da condição social que a criança vive, a forma que ela busca portar diante das situações apresentadas.

O singular impacto que a atividade humana e as relações sociais produzem no jogo evidencia que os temas dos jogos não se extraem unicamente da vida das crianças, porquanto possuem um fundo social, e não podem ser um fenômeno biológico. A base do jogo é social devido precisamente a que também o são sua natureza e sua origem, ou seja, a que o jogo nasce das condições de vida da criança em sociedade (ELKONIN, 2009, p. 36).

Do capítulo 5 em diante do livro “Psicologia do jogo”, Elkonin (2009) abordou sobre o estudo do desenvolvimento do jogo, como ocorria o jogo protagonizado na fase pré-escolar, a profundidade do jogo, quais contribuições para o desenvolvimento da criança, tratou sobre a situação imaginária, sobre a motivação, entre outros assuntos interligados ao jogo, como o das motivações e necessidade, evolução dos atos mentais e evolução de conduta arbitrada. Que logo mais será abordado de maneira mais detalhada.

Elkonin (2009) abordava que o jogo protagonizado é interessante em dois sentidos, o primeiro ponto é que por meio dele se descobre com maior profundidade a essência do jogo; o segundo ponto é porque ao descobrir a conexão mútua dos diferentes componentes estruturais, pode auxiliar melhor na direção pedagógica e na formação da criança.

Também mencionou exemplos de sínteses trazidas por Arkin, Rudik e Mendzerístskaia. Segundo Elkonin (2009), Arkin abordava que uma evolução dos grupos menores e instáveis para outros maiores e estáveis, se dá por meio da extração de episódios fragmentários da vida pessoal ou do meio, ou seja, de maneira sintética. Apesar de parecer bastante simples, Elkonin (2009) entende que possui uma descrição correta do desenvolvimento, pois o grupo real e fundamental da criança são poucos numerosos por ser composto por quem a criança convive no dia a dia, como pai, mãe e irmãos por exemplo. Elkonin (2009) também se referiu a Rudik, que interligava o desenvolvimento dos motivos do jogo aos sentidos, em relação à mudança de caráter, impacto de ideia, interações etc.

Rudik diz sobre o desenvolvimento dos motivos do jogo, que, na primeira infância, são correlativos, no entender desse autor; o sentido que esses jogos, de conteúdo simples, têm para as crianças está justamente no próprio processo da ação, e não no resultado a que essa ação deve levar (ELKONIN, 2009, p. 235).

Como foi dito acima, Elkonin (2009) mencionou que Mendzerístskaia analisou a substituição do objeto real por um brinquedo, do argumento e da possibilidade de sua

representação, sobre o desenvolvimento do tema, o aparecimento proporciona uma perspectiva e ação específica em cada criança no jogo e, por fim, a mudança de papel dos organizadores, conforme cada um vai crescendo.

Elkonin (2009) abordou que o desenvolvimento do tema parte da execução das ações lúdicas aos papéis interpretados pela criança seja com a fala, com a ação propriamente dita e a atitude diante desse papel. As atividades e ações das crianças representam os jogos-ações, representam a construção do contexto do jogo. Já no jogo protagonizado, segue o caminho de jogo de encenação quando a criança atua por meio do brinquedo ou por interpretação, isto é, quando a criança tem o papel.

Com a interação das crianças no jogo, é possível perceber o desenvolvimento dos vínculos sociais que vêm sendo criados com mais êxito, pelo próprio desenvolvimento do jogo. As crianças menores acabam atribuindo ao material as propriedades que desejam; no caso das crianças maiores, buscam no material a correspondência entre o desejado e a realidade. Elas se agradam a jogarem elas mesmas, na substituição do brinquedo.

Após estudos que tinham como objetivo compreender a importância do jogo, como contribui para a independência da criança, a comunicação e o coletivismo para acrescentar ainda mais às normas e noções à cerca de tudo que está ao seu redor. Elkonin (2009) também enfatizou que essa estratégia, sem dúvidas, remete ao ponto de vista de Vigotski, em relação à estratégia de formação e aos trabalhos psicológicos como uma formação lúdica para a criança.

Elkonin (2009) apontou que “o problema das motivações da atividade lúdica é um dos pontos centrais. Não é casual que as discrepâncias fundamentais nas opiniões sobre o jogo se concentrem em torno dos motivos indutores do jogo”. Para ele, as teorias denominadas como profundas, que são elas: a do prazer, a da satisfação, a dos impulsos internos e a da autoafirmação, têm, em sua essência, as forças motoras que originam o jogo.

Assim como o autor destacou, faço abordagem de que as crianças possuem uma continuação lógica em cada ação. Quando elas brincam juntas, uma ação está ligada a outra, quando uma interpreta o papel de médico que vai fazer uma cirurgia e a outra o de paciente que precisa do procedimento, por exemplo, as ações seguem interligadas. Neste caso, a criança interpreta o papel, desenvolve o argumento da brincadeira, ou melhor, do jogo se submete às regras e segue uma sequência lógica de qual seria a próxima ação. Como no exemplo acima, após o procedimento, vem o tratamento com medicações, depois que o paciente for liberado, vai ter o desafio de se adequar à nova vida e assim por diante. Como Elkonin (2009) abordou, o brinquedo, o ambiente, entre outras coisas, recebem o significado lúdico.



A representação do argumento e do papel enche o jogo. O importante para as crianças é o cumprimento dos requisitos do papel e subordinam a estes as suas ações lúdicas [...] no jogo, as ações realizadas pelas crianças sujeitam-se ao argumento e ao papel. A sua execução não é um fim em si; possuem sempre um sentido auxiliar e limitam-se a representar o papel com caráter sintético, abreviado e íntegro; quanto mais velhas forem as crianças, tanto menores e mais convencionais são essas ações (ELKONIN, 2009, p. 243).

Em seguida, Elkonin (2009) apresentou a investigação de Slávina, onde conta relatos de experiências de duas crianças de quatro anos de idade. Ambas diziam na brincadeira, serem diretoras, porém cada uma tinha uma ação diferente, uma estava fazendo a comida e a outra distribuindo. Ou seja, uma série de ações determinou um determinado sentido. O autor dizia que o jogo das crianças pequenas também apresenta uma implícita contradição.

No que se refere ao conteúdo real, é, por um lado, uma ação simples e reiterativa com objetos; por outro, parece haver no jogo protagonização e uma situação imaginária que não influi nas ações realizadas pela criança nem chega a ser o conteúdo fundamental que vemos nas crianças mais velhas. É natural que o pesquisador pergunte que função desempenham em tal jogo papel e a situação lúdica (ELKONIN, 2009, p. 245).

Logo após, Elkonin (2009) explicou que para obter uma resposta, Slávina iniciou uma série de experimentos. Dentre eles, a pesquisadora resolveu retirar do jogo todos os brinquedos que poderia determinar os temas e papéis relacionados com eles. O que lhes restaram foram o protagonismo e o argumento lúdico. Quando o jogo é avançado, digamos que com um contexto elaborado, os brinquedos ditos como temáticos voltavam ao jogo para serem utilizados nas ações. Numa situação mencionada, relatou que a criança estava preparando a comida para as crianças, mas “onde estão?” a outra questionou e teve como resposta: “estão passeando” e assim seguem brincando. A pesquisadora pergunta: “do que você está brincando?”, e a criança respondeu-lhe que preparou a comida, para come-la. Nos relatos dos experimentos, apesar das tentativas frustradas dos experimentadores fazerem com que a criança mudasse o seu papel, a criança permanecia com seu tema.

Elkonin (2009) fez um recorte referente aos experimentos de Slávina, que de forma resumida vou relatar. Com os resultados dessa série de experimentos, a pesquisadora entende que os jogos infantis devem haver protagonização e situação imaginária. Para ela, mesmo que as crianças não aproveitem como um todo, claramente é importante levando em conta que o papel e a situação imaginária vivem incessantemente presente, a cada passo do seu desenvolvimento.

Ele também pontuou sobre outros experimentos realizados pela Slávina, que buscava compreender a função que exercem no jogo de manipulação com os objetos. A princípio quando

as crianças demonstravam “satisfeitas” e perdiam o interesse, a pesquisadora entrevistava e sugeria que brincassem de algo que despertava o interesse, como o de mães e filha. Quando o jogo adquiria forma com as ações causava entusiasmo e com certeza uma participação mais ativa das crianças que protagonizavam o jogo.

No que diz respeito à formação experimental das premissas do jogo protagonizado. Elkonin (2009) acreditava que, baseados em fatos abordados por Frádkina e Slávina, com noções teóricas desenvolvidas por Vigotski, Leontiev e por ele mesmo, contribuía para melhor entendimento em relação à temática citada. Com a criação das premissas e a passagem para o jogo realmente protagonizado, a interação do adulto é de extrema importância na atividade conjunta com as crianças.

Examinaremos que Elkonin (2009, p. 253) considerava que:

Depois de analisar um considerável número de jogos com diversos argumentos, Mikhailenko destacou os seguintes elementos lúdicos fundamentais: (a) o papel ou o personagem; (b) a situação em que transcorre a representação do papel; (c) as ações com que se interpreta o papel; (d) os objetos com que atua quem joga; (e) a relação com o outro personagem. Conforme sejam os elementos integrantes do jogo e as ligações existentes entre eles, assim se destacaram argumentos de três graus de complexidade: (1) argumentos com um único personagem e objetos claramente determinados em uma ou várias situações; (2) argumentos com vários personagens e um conjunto de ações respectivas [...]; (3) argumentos nos quais, além do conjunto de ações e ligações entre personagens, também se apontam as relações entre eles.

As ações aprendidas neste caso, dão forma ao jogo protagonizado, onde a criança executa diversas ações interligadas com a ação de outra criança. Ambos experimentos, parte da ação propriamente dita com os materiais e objetos, à ação lúdica sintetizada para protagonizada. Tendo como base a espontaneidade do desenvolvimento do jogo protagonizado pelas crianças, mesmo que haja interferência de adultos nesta transição.

Elkonin seguiu relatando experimentos no decorrer do livro Psicologia do jogo, e desta vez voltado ao Ensino Especial, nos progressos realizados por Sokolova, o pesquisador compreendeu que a direção oral não pode alcançar os progressos por completo no desenvolvimento das crianças com deficiência intelectual. A maioria das crianças se limitou e permaneceram sem criar uma ação lúdica e nem adotar um papel. Neste caso, cabe ao adulto estabelecer um sentido entre o papel e as ações com ele relacionadas, pois não surgem de maneira espontânea. É justamente por essa intervenção mais “invasiva” que ele o classificou como sintético. Com a prática, obteve progresso:

Sokolova assinala que durante o comportamento lúdico manifestado, embora ainda fosse elementar, as crianças aprendiam com maior facilidade as novas ações com os objetos, falavam mais e sua linguagem adquiria funções variadas [...] mencionamos esses fatos só porque neles se manifestaram com clareza as fases fundamentais do desenvolvimento do jogo. Reveste-se de especial importância a etapa, que costuma transcorrer de maneira imperceptível nas crianças normais, de união das ações lúdicas objetais com o papel e sua transformação em ações protagonizadas, ou seja, em ações expressivas da atitude em face do personagem. A totalidade desses dados confirma os do desenvolvimento das premissas do jogo protagonizado e da transição das crianças normais para esse jogo (ELKONIN, 2009, p. 264).

Ao tratar da evolução do papel no jogo, o autor procurava apresentar as tarefas essenciais, a esclarecer acerca do jogo protagonizado e o problemas das premissas psicológicas mediante a adoção do papel e o desenvolvimento do papel interpretado pela criança. Certamente, entender como essa atitude é representada no jogo.

As questões acima foram o objeto de pesquisa segundo o autor, por intermédio da análise, de forma experimental. Elkonin (2009) conceituou que “o papel do experimentador apoiava-se ou em propor o argumento do jogo ou então em modificar o seu curso, inserindo uma série de condições adicionais”. As primeiras séries foram classificadas como jogos de “si mesmo”, de “adulto” e de “companheiro”. Na segunda série, os jogos em que se alteram quando a criança interpreta. Na terceira série, os jogos ganham forma no sentido do papel.

Assim como foi abordado anteriormente, o experimento consistiu em três fases relacionadas entre si. São elas:

Na primeira fase, a experimentadora (educadora) organiza o jogo no jardim de infância, mas de maneira que cada um dos participantes continue sendo quem é: a educadora, educadora; e as crianças, crianças [...]. Na segunda fase, no caso de as crianças renunciarem a brincar de “si mesmas”, ou quando o jogo termina, se este foi efetivamente começado, a educadora propõe-lhes jogar de outra maneira [...] a educadora participa assim do jogo desde o início no papel de uma das meninas [...]. Na terceira fase, a educadora propõe jogar de maneira que seja ela própria a dirigente do grupo e as crianças representarão o papel de alguns companheiros do seu próprio grupo (ELKONIN, 2009, p. 271).

Elkonin (2009) considerou que na primeira fase a criança representa a si mesma na brincadeira. Na segunda fase, a criança representa um adulto, que no caso seria a educadora. Na terceira fase, a criança entra no papel de uma de suas companheiras. Mas, assumem papéis que revestem em ações, são pontos importantes para que a criança aceite e interprete o papel.

A aceitação da criança em jogar de ser ela mesma, passa por uma recusa. Pois a criança joga com o imaginário. Como foi dito por uma das crianças no experimento: “Assim não se brinca. Isso não é brincar. Como vou brincar de ser Nina, se sou a Nina de verdade?” No meu

entendimento, torna-se desinteressante para a criança interpretar o que ela já em todos os momentos. Como diria Elkonin (2009), “o jogo só é possível se houver ficção”. Baseando nisso o autor extraiu duas consequências. O que o jogo é a interpretação de um papel assumido pela criança e que durante o desenvolvimento muda a maneira de a criança compreender o seu papel.

Ao seguir com os experimentos, Elkonin (2009) se deparou com a seguinte representação, a criança interpreta o papel de um adulto por exemplo e o adulto representa o papel da menina e participa do jogo. A animação permanece presente nesta fase, desempenham de bom grado como foi indicado por ele. Por outro lado, as crianças mais velhas rejeitaram interpretar o infantil. O autor, explicitou de forma bem objetiva no capítulo, abordando que “a motivação central do jogo é, para as crianças o papel, e o papel de criança não pode servir, em geral, para dar forma a essa motivação”, as crianças mais velhas indicaram que “as relações com os educadores podem ser substanciais no conteúdo de suas vidas”. Posteriormente às várias deduções, o autor entendeu que o educador atua e as crianças subordinam-se. E, é a partir disto que ele compreendeu que “entre o educador e elas não há relações, salvo indicações sobre o caráter dos atos e a utilização dos objetos inseridos no jogo”.

Examinaremos que na terceira fase do experimento, foi proposto que as crianças interpretassem o papel de outras crianças, ou seja, de suas companheiras no jogo. Elkonin (2009) destacou que “uma das premissas para que a criança adote a representação do papel de qualquer adulto é que capte os traços típicos da atividade desenvolvida por este adulto”, e no caso do experimento na fase três, seria captar a ação que seu companheiro teria no jogo por meio das ações. O autor pontuou que “o jogo é possível, mantendo-se a realidade total dos objetos, ações e situação geral”. Podem brincar de escolinha, fazer atividades, jogos, desenhar ou mesmo ler, mas Elkonin (2009) disse que “ainda fazendo tudo isso assumem forçadamente um papel”.

O fundamento do jogo consiste em reconstituir ou reestabelecer as relações sociais entre os indivíduos, por meio do papel que assumem. Essas relações seguem implícitas para as crianças, sendo assim, não percebem, apenas participam e seguem com as ações que surgem através do papel desempenhado na brincadeira. Com isso, é possível perceber a conduta que a criança adquire, uma condição psicológica essencial, ou seja, a consciência pessoal é expressa e demonstrada. Esse é o resultado do jogo.

Para Elkonin (2009), o primeiro nível de desenvolvimento do jogo parte do conteúdo central do jogo, onde as ações são dirigidas ao companheiro do jogo; os papéis são reais, porém mesmo que se coloquem no papel não vivem verdadeiramente, apenas interpretam; O autor

afirmou que as ações são monótonas e seguem uma série de ações, ele exemplificou que isso ocorre na passagem do alimento de um prato para o outro ao dar de comer por exemplo.

No segundo nível de desenvolvimento do jogo, Elkonin (2009) pontuou que o conteúdo fundamental do jogo é a ação do objeto, parte de ação lúdica à ação real; os papéis são denominados pela criança; a lógica das ações é desempenhada pela sucessão da vida real, ao brincar de cozinha por exemplo após fazer a comida, servir as refeições e comer o alimento, essas ações seguem a lógica da vida e as crianças a seguem na brincadeira; as crianças se permitem e se desenvolvem no jogo.

No terceiro nível de desenvolvimento do jogo o conteúdo fundamental é a interpretação do papel e a execução das ações que partem dele; os papéis são determinantes e encaminham o comportamento da criança; as regras de conduta estão explícitas e as crianças se satisfazem em seguirem e se reduzem ao pensamento de que “na vida não é assim” como Elkonin (2009) destacou.

No quarto nível de desenvolvimento do jogo parte da execução das ações relacionadas com a atitudes adotadas por meio dos papéis interpretados por outras crianças; os papéis estão nitidamente definidos e há até na fala uma entonação da voz um caráter teatral; as ações se desenvolvem numa lógica real; a infração da lógica das ações e das regras é renunciada pelos participantes.

As diversas fases vivenciadas no jogo elevam o desenvolvimento da criança. Nem sempre os níveis são determinados pela idade, e sim ao grau de desenvolvimento que ocorre no processo de transição de um grau para o outro. Elkonin, (2009, p. 301) apresentou que:

No fundo temos duas fases fundamentais, ou dois estágios, do desenvolvimento do jogo. Na primeira (3 a 5 anos), o conteúdo fundamental do jogo são as ações reais; na segunda (5 a 7 anos), as relações sociais estabelecidas entre as pessoas e o sentido social de sua atividade, correspondentes às relações reais existentes entre as pessoas.

Elkonin (2009) determinou que a conduta da criança no jogo está sujeita às regras, que estão interligadas aos papéis e as interpretações que ela assume. Para ele, “o essencial para o desenvolvimento do jogo é a atitude da criança em face do papel que representa”. Pois ao assumir o papel, a criança se ver sujeita à realidade do “personagem” e através de suas ações, a realidade na vida real cumpre-se com as expressões lúdicas.

Em relação à alteração do sentido do papel, Elkonin (2009) pontuou que o “como se” sempre está presente, se dá quando a criança assume o papel como se fosse motorista, como se fosse professora, como se fosse atendente etc. O jogo protagonizado ocorre quando a criança

se convence do papel a ser assumido por ela e pelos companheiros. Quando a criança muda o nome dos objetos para se adequar no decorrer do jogo, fazendo com que se torne mais lúdico. Ao assumir o papel, a criança se insere em uma atuação real: “o mundo do jogo tem suas leis rígidas, que são reflexos ou cópia das relações reais existentes entre as pessoas e os objetos”. O autor afirmou também que o jogo não é um mundo de fantasia, mas certamente a imaginação está presente em todo tempo e segue interligado ao mundo real; está associado ao convencionalismo.

No tópico o objeto, a ação, a palavra e a contribuição para o problema do simbolismo do jogo protagonizado, Elkonin (2009) tratou do emprego do lúdico, como a criança atribui significação aos objetos dentro da ação a ser desempenhada em seu papel, e a representação que cada objeto ganha na utilização do brincar. O autor exemplificou que um palito pode se tornar um termômetro, um garfo ou mesmo um lápis; o emprego que o objeto ganhará irá surgir de acordo com o contexto do papel da criança na brincadeira.

Como foi exemplificado acima, um objeto pode ter várias interpretações e utilidades, fazendo com que a criança imagine um mundo de possibilidades. Elkonin (2009) expressou que, para alguns psicólogos, os objetos têm um limite e é justamente isso que torna a semelhança com o mundo exterior com o verdadeiro significado do objeto, ou seja, o lúdico do objeto é limitado.

A partir do estudo de Hetzer, que partia da hipótese de que a preparação escolar exigia certo conhecimento da função simbólica, tanto para aprender a ler e a escrever, quanto para assimilar que o signo significa uma certa realidade, Elkonin (2009) afirmou que isto poderia ocorrer através do desenho, da construção, do jogo e no emprego dado ao signo.

Vigotski, considerando essa fase singular da linguagem da criança, realizou uma série de experimentos, segundo Elkonin (2009), com objetos soltos e conhecidos: as crianças foram dando significado, como exemplo, destacou que o livro se tornou uma casa, as chaves seriam as crianças, um lápis se tornou a babá e assim, sucessivamente, elas iam dando significados e, em seguida, formavam todo um contexto, como o que a babá abre a porta, leva ao médico etc. Importante analisar que nem sempre o objeto se assemelhava ao “papel desempenhado”.

Em relação aos experimentos realizados com as crianças menores, Elkonin (2009, p. 331) fez o seguinte destaque:

Lúkov deduz que não é a palavra nem a denominação do objeto o que determina o modo de seu emprego, mas o próprio objeto que, em nossa situação lúdica se apresenta à criança, antes de tudo, com o aspecto do uso que se lhe dá realmente, e não o de sua denominação.

Referente aos jogos temáticos, Elkonin (2009, p. 332) continuou exemplificando o que Lúkov observou “As crianças de cinco a seis anos conformam-se menos com as mudanças de uso dos objetos na situação lúdica; não lhes são indiferentes propriedades objetivas do objeto e a sua utilidade, manifesta na atuação anterior da criança” e continuou dizendo “o fator determinante é a inclusão do objeto dado na atividade lúdica da criança e, por essa razão, no sistema de relações com os outros objetos da situação lúdica”. Pois a criança busca prolongar o novo uso do objeto, mesmo que não tenha o significado correspondente ao que é em si.

Com as crianças maiores, por sua vez, a maneira lúdica de atuar com o objeto substitutivo é estável, em função do jogo e do uso na função. Nesta etapa, Elkonin (2009) destacou que a estrutura formada é a da “palavra-objeto-ação”, sendo assim, se assemelha verdadeiramente com o que é na vida real. E de fato, ao concordar com Lúkov, Elkonin (2009, p. 340) destacou: “Cada palavra parece conter para a criança um sistema possível de ações e, por causa disso, a peculiaridade do objeto ou o fenômeno a que se refere a própria palavra”. Isso é, ao identificar a palavra, mostra-se que pela ação é possível perceber o objeto denominado.

## **2.5 O JOGO E SUA FUNÇÃO NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA COM BASE NOS ESTUDOS DE VIGOTSKI E ELKONIN**

Este tópico se baseia no capítulo 6 do livro “Psicologia do jogo” do autor Elkonin (2009), onde relatou os estudos e acompanhamentos realizados por Leontiev e Vigotski; citou também Piaget e, esporadicamente, mencionou outros estudiosos. É um capítulo bastante interessante, onde o autor abordou sobre o jogo na esfera das motivações e necessidades, sobre o egocentrismo cognitivo como é colocado, tratou também sobre a evolução dos atos mentais e sobre a conduta arbitrada mediante aos desafios do jogo.

Assim como Elkonin (2009) abordou no início do capítulo mencionado há pouco, que o segundo capítulo contemplou exatamente a origem histórica do jogo. A qual foi analisada anteriormente em meu trabalho de conclusão de curso. Onde foi relacionado a mudança da criança em meio ao jogo, como isso está interligado à sociedade, a função social e a forma que o jogo pode contribuir para uma educação ainda mais lúdica.

Devido ao fato de que a criança é um ser social, que tem a necessidade de se comunicar com o outro; seja criança ou adulto, porém desde cedo. A educação da criança até a inserção dela na escola, se torna um assunto privado da família como mencionado por Elkonin (2009), pois, em alguns países, o conteúdo e os métodos são transmitidos por tradição. O autor entendeu que a educação múltipla de todas as crianças deve ser de interesse econômico e político:

[...] Dois tipos de atividade que influem nos processos de desenvolvimento da criança. São, em primeiro lugar, as diversas formas de trabalho em família, em segundo, o jogo em suas variadíssimas formas. [...] O jogo, como tudo o que não é trabalho, converte-se da maneira mais geral na forma fundamental da vida da criança, forma universal e única da educação infantil que se dá espontaneamente (ELKONIN, 2009, p. 398).

Elkonin (2009) pontuou que a necessidade de determinar com maior clareza a influência do jogo no desenvolvimento psíquico e na formação da personalidade e encontrar o seu lugar em geral, veio por meio das atribuições universalizadas. Com isso, a pesquisa realizada buscou compreender um pouco mais sobre, porém o próprio autor Elkonin (2009, p. 399) destacou que “nela é impossível o experimento puro, simplesmente por que não se pode retirar a atividade lúdica da vida das crianças e ver o processo de desenvolvimento segue seu curso na ausência dessa atividade”. Para ele, os jogos domésticos individuais não podem ser substituídos pelos jogos coletivos. Sem a troca com o outro, não há interação e sem interação não há troca de experiências. O jogo protagonizado por sua vez, traz consigo infinitas possibilidades nas relações, nos vínculos com o outro e com o imaginário na vida real.

No que diz respeito ao jogo e à evolução da esfera das motivações e necessidades, Elkonin (2009, p. 401) citou que “Vigotski tinha razão quando situava em primeiro plano, como problema central, o das motivações e necessidades para compreender a própria origem do jogo protagonizado”. O autor prosseguiu dizendo que há uma contradição acerca dos desejos à busca em satisfazer o mais breve possível:

No entender de Leóntiev, a coisa apóia-se no fato de que “o mundo dos objetos que a criança assimila vai ficando cada vez mais vasto para ela. Nesse mundo já entram não só objetos que constituem o meio mais próximo da criança, objetos que ela própria pode manipular e manipula, mas também outros, de ação dos adultos, com os quais a criança ainda não pode operar na realidade e não estão ao seu alcance físico [...] nessa forma de desenvolvimento psíquico da criança ainda não existe para ela atividade teórica abstrata, conhecimento contemplativo abstrato, e por isso a assimilação apresenta-se-lhe, sobretudo, em forma de ação” (ELKONIN, 2009, p. 402).

Acerca da evolução do conhecimento, Elkonin (2009, p. 402) destacou que Leontiev descreveu com exatidão “que vê uma contradição que leva ao jogo protagonizado no choque do clássico ‘eu farei’ da criança com o menos clássico ‘não se pode’ do adulto”. E assim, o autor exemplificou que a criança ao querer conduzir um automóvel, ela quer se assemelhar ao máximo do ato real, nos atos de operações, principalmente ter controle do volante. A criança irá se sentir capaz de realizar esta ação sozinha, e com isso, irá se afastar do adulto, pois se sentirá no papel do adulto. Elkonin (2009, p. 403) disse que “graças a isso, o adulto e seus atos começam a ser um modelo para a criança”.



Elkonin (2009, p. 404) abordou que “ao passar do jogo com objetos para a interpretação de papéis, consiste em que no meio objetual imediato das crianças pode não ocorrer nenhuma mudança essencial no momento dessa transição”. O autor exemplificou que a criança dava banho, comida e colocava a boneca para dormir. Já no jogo protagonizado, ela interpreta o papel de mãe, logo, o jogo se torna de mamãe e filhinha e as funções de cuidados se tornam uma realidade concreta da vida da criança.

Elkonin (2009) conceituou que, através do jogo, a criança elabora o desejo de chegar a ser adulto e exercer as suas funções. Enfatizou que o desejo de ir à escola, começar algo social apreciado por todos é o primeiro passo para a idade adulta na visão da criança. E tudo isso causa um impacto emocional na criança. Tornando o jogo protagonizado ainda mais significativo para ela. Ainda mais que, como bem pontuou o autor (2009, p. 406), “a transcendência do jogo não se limita a que a criança tenha razões de novo conteúdo para atuar e novas tarefas relacionadas com elas”. Ele considerou a transcendência algo primordial no jogo protagonizado no desenvolvimento da criança.

Em torno do jogo, ocorre a superação do denominado como “egocentrismo cognitivo”. Segundo Elkonin (2009, p. 407): “O jogo protagonizado dá lugar a que a criança abandone as suas posturas [...] e adote a do adulto”. O autor (p. 407) seguiu abordando que “A própria adoção de um papel pela criança, com ele relacionada, dos sentidos dos objetos incorporados ao jogo, constitui uma mudança constante de uma por outra”. As crianças, ao adotarem uma postura, um papel novo, elas ampliam sua visão por meio da observação e se desenvolvem, sem receio do que os outros podem achar ou examinar.

Elkonin (2009, p. 411) disse que “é um modelo de jogo coletivo. Nesse jogo, a criança que assumiu um papel determinado atua em conformidade com ele e também está obrigada a ter presente o papel do seu companheiro”. E prossegue afirmando que “que cada um dos companheiros de jogo atua em relação ao outro a partir da sua nova posição convencionalizada. Deve coordenar as suas ações com o papel de companheiro de jogo, ainda que não se encontre nesse papel”. O autor considerou o jogo como uma atividade cooperante das crianças.

No que diz respeito ao jogo e à evolução dos atos mentais, Elkonin (2009, p. 414) mencionou as pesquisas realizadas por Galperin e seus colaboradores:

Galperin (1959) estabeleceu as etapas fundamentais por que deve passar a formação de todo ato mental novo e do conceito com ele relacionado. Se se excluir a etapa da orientação prévia do problema, a formação dos atos mentais e dos conceitos com propriedades programadas de atenção passa logicamente pelas seguintes etapas: etapa de formação dos atos com objetos materiais ou seus modelos substitutivos materiais; etapa de formação do mesmo ato com prioridade para a fala; por último, etapa de formação do ato propriamente mental [...] essas etapas são consideradas etapas do desenvolvimento funcional dos atos mentais.

O autor examinou que o desenvolvimento psíquico da criança parte da experiência sintetizada, dos modos de ação com objetos, da formação funcional etc. Elkonin (2009, p. 415), observou que:

Se nas etapas iniciais se requer um objeto substitutivo e uma ação relativamente desenvolvida com ele (etapa de ação materializada, segundo Galperin), nas etapas posteriores do desenvolvimento do jogo já se manifesta como signo da coisa mediante a palavra que o denomina, e a ação como gestos abreviados e sintetizados concomitantemente com a fala.

Logo, as ações lúdicas apresentam os atos mentais com significação de objetos inseridos na brincadeira e se apoiam nas ações externas. Elkonin (2009, p. 415) exemplificou o seguinte: “ao se prepara para a refeição, a criança acerca-se de parede e faz dois ou três gestos com as mãos – lava-as – e diz: *lavei as mãos*; depois, tendo feito igualmente uma série de movimentos com a comida – leva à boca o pedaço de pau que faz de colher – anuncia: *já comemos*”.

O autor teve como base acerca do papel do jogo no desenvolvimento intelectual da criança as opiniões de Bruner. Segundo Elkonin (2009, p. 416): “Enfatiza-se o significado dos jogos manipuladores dos símios superiores para o desenvolvimento da atividade intelectual desses animais, e o autor chega mesmo a opinar que esses jogos constituem premissas para a utilização posterior de utensílios”. Ou seja, as manipulações prévias dos utensílios servem para executar as atividades intelectuais.

Como bem destacou Elkonin (2009), referente à experimentos realizados com as crianças em relação a uma tarefa de inteligência prática, cada criança reagia de uma forma, mas a observação ao adulto que executava a tarefa prevaleceu de certa maneira em todas. Porém, é possível executar sem que tenha observado tão bem quanto.

Em relação com o que permeia mediante ao jogo e a evolução da conduta arbitrada, Elkonin (2009, p. 417) disse que “foi totalmente confirmada a tese de Vigotski de que, no jogo, ‘a criança chora como um paciente... e alegra-se como participante’, além do que se produz uma pronúncia contínua aos desejos momentâneos de interpretar o papel assumido”. Nesta perspectiva, a situação lúdica possui regras latentes e, conforme já abordado anteriormente com

a evolução dos jogos, as próprias crianças se submetem às regras e se moldam para o cumprimento total delas.

Elkonin (2009) finalizou o capítulo 6 do livro “Psicologia do jogo” enfatizando que o papel a ser representado no jogo protagonizado, a reflexão passa pela conduta arbitrada de como ela deve ou não agir, e isso em sua gênese se converte em uma fonte do desenvolvimento da criança como um todo, principalmente moral. Elkonin (2009, p. 421) pontuou o seguinte: “o jogo é escola de moral, não de moral na ideia, mas de moral na ação”. Sendo assim, ao controlar seus impulsos, abdicar de algo, se adaptar as regras e formas de conduta, a criança garante para si uma evolução ainda mais integrada e determinante em seu comportamento, gerando então, uma maior contribuição para o desenvolvimento psíquico e formação da sua personalidade.

## 2.6 CONCLUSÃO

Levando-se em consideração tudo o que foi abordado anteriormente acerca das contribuições do brincar no desenvolvimento do ser como um todo da criança, tanto no âmbito cognitivo, moral e social. Considero fundamental dar o protagonismo à criança nos jogos e brincadeiras. Proporcionar a elas um ambiente de leveza e segurança mediante a possibilidade de expressão. Onde ela possa imaginar, realizar e se desenvolver sem interferência do outro, apenas com auxílio, caso seja necessário, na distribuição dos materiais e em ditar a regra do jogo, por exemplo.

A interação social é primordial para a criança, tanto com outra criança, quanto com os adultos. O que ela sabe, ela repassa. O que ela não sabe, ela aprende. O que ela não consegue aprender ainda, na medida que ela vai aprendendo o que não sabe, se tornará possível a ela. A relação com o outro facilita e proporciona a criança uma interiorização de que ela é capaz de realizar tal ato. Na brincadeira isso é bem evidente, justamente por criarem no mundo ilusório uma situação, ter o auxílio ou intermédio dos objetos ou indivíduos, auxiliando em sua protagonização no jogo.

Compreende-se que ao se submeter às regras traz satisfação justamente por se desafiarem e perceberem que são capazes de alcançar o almejado. Quando a criança abdica de seus desejos, que gostaria que fosse atendida de imediato, ela desenvolve sua identidade moral, possibilita a ela maior compreensão diante das situações a serem enfrentadas, faz com que ela se socialize melhor e se sinta cada vez mais pertencentes ao meio.

Entende-se através da perspectiva de Vigotski a criança que interage com o meio social numa brincadeira está sempre acima da média. Ela tenta se superar cada vez mais diante da situação. Pensam em como agir, reconhecem suas motivações e forma de conduta na brincadeira. Tendo em vista que a criança é um ser social, compreendo que a brincadeira faz com que ela se desenvolva em todas as áreas, seja ela cognitiva, social ou moral.

### PARTE 3 – PERSPECTIVAS FUTURAS

Ao concluir a graduação do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, pretendo focar mais nos conteúdos de concurso público voltado à área educacional, preferencialmente, concorrendo à vaga pela SEEDF. Porque amo viver em Brasília, grande parte dos meus parentes e por ser casada, e pelo fato do meu esposo cursar Direito, acredito ser a localidade ideal para construirmos nossa vida a dois e em breve familiar.

Gostaria de iniciar uma pós-graduação voltada à Psicopedagogia, pois acho interessante o trabalho desenvolvido, de analisar os fatores que contribuem ou prejudicam uma boa aprendizagem, identificar a partir da necessidade real do indivíduo e isso desperta em mim grande interesse, ainda mais, após as vivências presenciadas nos estágios, sejam eles obrigatórios ou não obrigatórios.

Além de ter interesse na pós de Psicopedagogia, acabei me interessando pela Pedagogia Empresarial, não tão falada na UnB. Hoje em dia, trabalho no setor administrativo da empresa, e seria também uma oportunidade de conciliar minha graduação ao meu trabalho atual. A Pedagogia Empresarial visa dar suporte ao treinamento e ao desenvolvimento pessoal da equipe. Proporcionando um ambiente melhor para os colaboradores, que estarão mais motivados e assim gerarão melhores desempenhos e resultados, tanto pessoais, quanto para a empresa.

Eu acredito que as práticas pedagógicas numa perspectiva contemporânea estão mudando e evoluindo a cada dia. Penso em fazer o Mestrado voltado à formação dos professores, sobre o currículo e as práticas inovadoras. Pois, assim como em toda profissão, nós devemos buscar estar por dentro de tudo e de novas soluções, nos desafiar e vencer os desafios que nos depararmos.

Posteriormente, penso em ser discente de outra graduação, do curso de Medicina Veterinária. Assim como sou apaixonada pela Educação, também sou pelos animais. Tenho uma cadela que passou por dois tratamentos de câncer, isso me despertou interesse em aprender, me superar e me aperfeiçoar nesta área.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 22 fev. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 17 dez. 2009, Seção 1. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category\\_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 22 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base**. LDB 9.394/1996. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 22 fev. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base**. Alteração da LDB 13.415/2017. Brasília: Congresso Nacional, 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002a. p. 103-116.

BROUGÈRE, Gilles. Lúdico e educação: novas perspectivas. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 8, n. 14, p. 5-20, jan./jun. 2002b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2985>. Acesso em: 12 abr. 2022.

**CADA UM NA SUA**, Fernando e Sorocaba. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rKGuvOFU6RI>. Acesso em: 12 abr. 2022.

**CANTA, CANTA, MINHA GENTE**, Martinho da Vila. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=X4Tp\\_TmjHRs](https://www.youtube.com/watch?v=X4Tp_TmjHRs). Acesso em: 12 abr. 2022.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento**. Brasília: SEEDF, 2018. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/pedagogico-curriculo-em-movimento/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

ELKONIN, Danii B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ELKONIN, Danii B. Enfrentando o problema dos estágios no desenvolvimento mental das crianças. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p. 149-172, jan./mar. 2012 [original de 1971]. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602012000100011&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000100011&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 12 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LEONTIEV, Aléxis Nikolaevich. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Ramanovich; LEONTIEV, Aléxis Nikolaevich (Org.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Moraes, 1994 [original de 1965]. p. 119-142.

PRESTES, Zoia. Prefácio (p. 18). In: MUDADO, Tereza Harmendani. A brincadeira como educação da vontade: cumprir as regras é a fonte de satisfação. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 18-22, jun. 2008. Disponível em: <https://atvidart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2002.

PRESTES, Zoia. Prefácio (p. 23). In: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-36, jun. 2008. Disponível em: <https://atvidart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2002.

**TARJA BRANCA**: a revolução que faltava. Direção de Cacau Rhoden. Produção Executiva de Estela Renner, Luana Lobo e Marcos Nisti. Roteiro de Cacau Rhoden; Estela Renner; Marcos Nisti. Intérpretes: Domingos Montagner; Wandí Doratiotto; Antônio Nóbrega; José Simão. Música: André Caccia Bava. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2014. 1 DVD (80 min.), son., color. Documentário.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-36, jun. 2008 [original de 1933]. Disponível em: <https://atvidart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2002.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Ramanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Obras Escogidas IV – Paidología del adolescente; Problemas de la psicología infantil. Madrid: Machado Libros, 2012a.